A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" – UNESP FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

JESSICA LOUISE RIBEIRO MAIA

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL.

BAURU

2018

JESSICA LOUISE RIBEIRO MAIA

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação da Profa. Dra. Eliane Patrícia Grandini Serrano.

BAURU
2018

JESSICA LOUISE RIBEIRO MAIA

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL.

BANCA EXAMINADORA:

_____ Profa. Dra. Eliane Patrícia Grandini Serrano DARG – FAAC/UNESP

_____ Profa. Dra. Maria Claudia Sousa DARG – FAAC/UNESP

_____ Prof. Dr. Tarcila Lima da Costa DARG – FAAC/UNESP

Bauru, Novembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram de alguma forma para que fosse possível estar na universidade e ter a oportunidade de permanecer até a conclusão, além de contribuírem para minha formação humana. Em especial, a minha família e meus amigos Suelen e Matheus. Agradeço a minha orientadora Prof. Dra. Patricia Grandini por me guiar nessa pesquisa acadêmica.

RESUMO

A literatura infantil é fundamental na formação do indivíduo, trazem com eles as diversas modalidades de processos visuais artísticos que é um outro olhar sobre o texto no livro infantil e não possui compromisso em representar com fidelidade a realidade, mas de criar e inventar. Nesse contexto, esse trabalho propõe aulas que trarão a experiência estética artística em sala de aula, a partir das linguagens visuais artísticas dos livros infantis, podendo surgir novas experiências, provocando sensações e sentimentos. Apreendendo a relação da literatura infantil e experiência estética para ensino da arte no Ensino Fundamental, esse projeto acrescentará minha experiência como profissional, sendo relevante por trazer novos projetos e formas de ensino da arte nas escolas, levando os alunos a um caminho que passa a desenvolver a imaginação e o aprendizado.

Palavras-chave: Linguagens visuais, Arte-educação, Literatura Infantil, Experiência Estética.

ABSTRACT

The children's literature is fundamental in the formation of the individual, they bring with them the various modalities of artistic visual processes which is another look at the text in the children's book and has no commitment to represent reality with fidelity, but to create and invent. In this context, this work proposes lessons that will bring the artistic aesthetic experience in the classroom, from the visual languages of children's books, and new experiences can arise, provoking feelings and feelings. Seizing the relationship of children's literature and aesthetic experience for teaching art in Elementary School, this project will add my experience as a professional, being relevant for bringing new projects and forms of art teaching in schools, leading students to a path that develops imagination and learning.

Keywords: visual languages, art-education, children's literature, Aesthetic Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Autor: Monteiro Lobato, Capa “A Menina do Narizinho Arrebitado” Ilustração: Voltolino. FONTE: Fonte: www.estantevirtual.com.br/livros/monteiro-lobato/a-menina-do-narizinho-arrebitado

Figura 2. Autor: Lucia Almeida, Capa Estórias do fundo do mar. Fonte: <https://www.skoob.com.br/estorias-do-fundo-do-mar-84271ed93029.html>

Figura 3. Autores: Paul Bright e Ben Cort. Capa do livro Debaixo da Cama. FONTE: Fonte:https://www.submarino.com.br/produto/116992507/livro-debaixo-da-cama

Figura 4. Autor: Magi Publications, ilustração: Alison Adgson. Capa do livro com amor para sonhar. FONTE: Capa digitalizada.

Figura 5. Autor: Não identificado. Editora Ciranda Cultural. Capa do livro É o lobo?. FONTE: Capa digitalizada

Figura 6. Autor: Ramon Llull. Circulo Ars Magna. FONTE: site Books Tell you Why

Figura 7. Autor: Matheus Azevedo, 2018. Primeira Experiência - Fileiras.

Figura 8. Autor: Matheus Azevedo, 2018. Segunda Experiência - Roda.

Figura 9. Autor: Ben Cort. Insetos e criaturas. FONTE: página 3 e 4, digitalizada, Debaixo da cama.

Figura 10. Autor: Ben Cort. Jacaré. FONTE: página 7 e 8, digitalizada, Debaixo da cama.

Figura 11. Autor: Ben Cort. Urso. FONTE: página 9 e 10, digitalizada, Debaixo da cama.

Figura 12. Autor: Ben Cort. Monstro visto pela primeira vez. FONTE: página 11 e 12, digitalizada, Debaixo da cama.

Figura 13. Autor: Ben Cort. Monstro visto de forma empática. FONTE: página 13 e 14, digitalizada, Debaixo da cama.

Figura 14. Autor: Desconhecido. Caixa de textura. FONTE: página 04 digitalizada, É o lobo?

Figura 15. Autor: Desconhecido. Gato, textura de algodão. FONTE: página 05 digitalizada, É o lobo?

Figura 16. Autor: Aluno M.S. Debaixo da minha Cama. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 17. Autor: Aluno E.R. Meu lobo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 18. Autor: Matheus Azevedo, 2018. Abertura da página em pop-up.

Figura 19. Autor: Aluno E. Meu lobo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 20. Autor: Aluno M. Meu lobo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 21. Autor: Aluno T. Meu lobo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 22. Autor: Aluno D. Meu lobo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 23. Autor: Aluno L. Medo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 24. Autor: Aluno D. Medo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 25. Autor: Aluno B. Medo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 26. Autor: Aluno E.V. Medo. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 27. Autor: Aluno T. Personagens. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 28. Autor: Aluno M.V. Personagens. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 29. Autor: Aluno J.O. Personagens. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 30. Autor: Aluno M. Personagens. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 31. Autor: Aluno D. Personagens. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 32. Autor: Aluno I.C. Cena. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 33. Autor: Desconhecido. Ilustração da narrativa. FONTE: página 18 digitalizada, É o lobo?

Figura 34. Autor: Aluno D. Debaixo da minha Cama. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 35. Autor: Aluno E. Debaixo da minha Cama. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Figura 36. Autor: Aluno M.E. Debaixo da minha Cama. FONTE: Desenho do aluno digitalizado.

Sumário

INTRODUÇÃO 11

1. ARTE E EDUCAÇÃO 13

2. AÇÃO DOCENTE 30

3. DA TEORIA À PRÁTICA: AÇÃO 34

4. CONCLUSÃO 58

REFERÊNCIAS 61

INTRODUÇÃO

Ao momento em que surgi a necessidade do homem em passar experiências e aprendizado uns aos outros por serem indivíduos sociais e culturais, surge também o impulso de contar histórias, sendo um costume que gerou significados para todos. A literatura surgiu nos primórdios da humanidade, porém a literatura infantil se formou como gênero durante o século XVIII. Nesse período houveram mudanças na estrutura social e no âmbito artístico. Desde então a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, e devia receber uma educação especial. (COELHO, 1981). A literatura infantil, sendo um gênero literário destinado ao público infantil, possui características que podem levar a criança a uma abrangente compreensão de sua existência. Os valores construtores desse gênero para (FARIA, 2004) são as temáticas compatíveis e lineares com o público infantil que está presente na narrativa e na manifestação visual. O que faz dessa literatura segundo Nelly Novaes Coelho é o fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida. Fundindo os sonhos, a vida prática, e o imaginário. No âmbito da estética (reflexão relativa à Beleza e ao fenômeno das Artes) esses conceitos estão sempre em estudos acadêmicos, podemos entender a experiência estética em geral como uma percepção de uma vivência diante de uma criação que pode ser a literária gerando reações que estarão presentes antes, durante e depois dessa experiência. A recepção estética, para (DEWEY, 2010) é uma ação de recriação do processo de produção. E a arte como experiência, é intensificada e exponenciada, aquela que retira o indivíduo da monotonia, trazendo a ressignificação. A partir da teoria da Abordagem Triangular de (BARBOSA, 2010) a pesquisa pretende demonstrar que a imagem constitui-se como objeto de significação e a ilustração, a textura e o pop-up, que estão presentes nos livros de literatura infantil ao ser tratada como objeto de estudo, leitura e analise podem gerar conhecimento. É a partir da Abordagem triangular de Barbosa, que poderemos induzir uma produção aos alunos vinda de uma contextualização e uma fruição estética. Porém, a complexidade desse tipo de atividade, aponta a necessidade de formação específica de professores para explorar a leitura escolar das linguagens visuais e assim ensinar a criança a ter um aprendizado emancipador e crítico. (FREIRE, 1996). Com isso, entendemos com (DUARTE, 1986) que a imagem da obra literária gera por si só uma experiência estética, porém o fazer de uma experiência aguçada em sala de aula que possa despertar a criatividade e a imaginação não só

particular na mente de cada criança, mas uma experiência estética que elas possam ser vividas em conjunto, é uma tarefa complicada, que não foi encontrada em muitas pesquisas. Responder e compreender questões para promover a experiência estética artística a partir da literatura infantil. Descobrir quais são as premissas da literatura que poderá ser usada para tal ato. Buscar linguagens visuais como a ilustração, tridimensionalidade ou textura, que melhor poderá ser utilizado para esse processo de aprendizado. É nessa relação com que as crianças desenvolvem as suas experiências estéticas e artísticas. Será esperado que os alunos possam vivenciar o processo artístico, evoluindo a representação imaginativa e a expressividade. Organizando suas experiências no desenho, a pintura, brincando, lendo e imaginando. Além, de possuírem uma atividade social e comunicativa. A integração da literatura e das artes visuais possibilita esse desenvolvimento, permitindo relacionar o significado verbal com o visual, através dessa Experiência Estética e logo depois com desenho, a pintura, a criação de formas, cores e texturas.

Classificação da pesquisa e percurso metodológico

Quanto à finalidade essa pesquisa caracteriza-se como básica e pura; com relação aos seus objetivos é exploratória e de natureza qualitativa; quanto aos procedimentos trata-se de uma pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual com a aplicação da pesquisa em uma atividade de contação de estória a partir dos livros " Com amor para sonhar '' e " É o lobo ? ''. Foi realizada com cinco turmas do primeiro e segundo anos do ensino fundamental. No total participaram aproximadamente 150 alunos. Verificou-se que há diferentes reações ao introduzir a criança em uma narrativa e a uma experiência estética artística. Com base, na pesquisa bibliográfica, trazer uma atividade de contação de histórias com intuito de promover experiência estética a partir das linguagens artísticas, além de promover diversão e comunicação entre os alunos. Os livros utilizados estão devidamente referenciados. Este trabalho está estruturado como sendo: o primeiro capítulo tratando brevemente da teoria de base, as principais informações sobre a literatura infantil, a arte-educação, as práticas de leitura e sua importância, além de critérios de escolha de livros infantis de qualidade. Seguido de um capitulo que irá descrever os acontecimentos em sala de aula e a análise dos resultados. Por fim são apresentadas as conclusões.

1. ARTE E EDUCAÇÃO

O ensino da arte no Brasil sempre teve um caráter elitista, desde 1816, quando D. João VI com a Missão Francesa forma uma Escola de Arte, onde poucos tiveram oportunidade de usufruí-la até a aprendizagem da arte no brasil atual que possui grandes vestígios dessa herança. Apesar do ensino de arte na escola pública ser integrado no currículo escolar pela LDB de 1971, ainda há uma grande luta para a democratização do ensino da arte nas escolas. Pois, sabe-se que em nossa sociedade a arte na educação ainda ocorre de forma conflituosa. Nessa esteira, Ana Mae, através dos estudos do autor Stuart Hampshire aponta a importância das Escolas para reverter esse quadro.

> A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos nossos estudantes em nossa nação. Isso não só é desejável, mas essencialmente civilizatório por que o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império. (Barbosa, 2010, p.34)

Porém, a arte instruída de forma tradicional e tecnicista, visava a arte com utilidade cotidiana como: o bordado e marcenaria ou apoio a outras disciplinas como a Matemática, sendo ensinado então, o desenho geométrico. Com auxílio dos estudos do Mestre em Artes e Doutor em educação que atua principalmente na formação continuada de professores, Fernando de Azevedo (2010) , percebe-se um momento, onde as escolas utilizavam a disciplina de artes para decorar as datas comemorativas, o professor de artes visto como o menos prestigiado, pois a arte não era vista nem como conhecimento, nem como cultura, mas sim uma atividade sem pensamento intelectual, utilizada como e somente uma forma de prazer e alívio de tensão para as crianças, devido, a rigorosidade das outras disciplinas, o que deve ser mudado pois,

> A arte não é básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo, arte representa trabalho do ser humano. (Barbosa, 1999, p.4)

Azevedo (Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais, 2010, p. 80) comenta que, administrar as aulas com um "desenho livre" sem base teórica foi cada vez mais utilizado tornando-se uma atividade proposital pelo pensamento educacional, com propósito de excluir a classe popular de um ensino e acesso a arte, já que a arte em sua integralidade é um impulso para a libertação do pensamento independente e crítico. Acreditando-se que tudo aquilo que nos dá prazer não nos é útil ou não nos traz conhecimento, formando a ideia da arte como genialidade, magia ou dom. Que passou a despertar nos alunos, a desistência dessa disciplina como fonte de aprendizado.

A formação do docente também sofreu um processo de precarização, e muitos professores de arte foram substituídos por profissionais de diversas áreas do conhecimento, mesmo sabendo que os conhecimentos teóricos devem ser sólidos, que devem estar como principal objetivo de qualquer currículo ou área do conhecimento, isso é cada vez menos possível de ser encontrado.

A abordagem triangular, de Ana Mae Barbosa (1991) fundamentada em uma teoria crítica, surge em um momento de questionar o modelo de ensino da arte e trazer um novo caminho. Ela propõe um ensino de arte emancipatória, nesse caso, o ensino com a imagem, pois a leitura de imagem abre a possibilidade de ler e reler o mundo de criações e obras, dando a possibilidade de entender o mundo de maneira crítica e independente. Para a autora, a partir daí o aluno é considerado leitor e não só um leitor como um intérprete daquilo que está lendo. Essa estrutura de ensino, é trabalhada para que haja a interação entre suas ações, ou seja, para que haja uma interdependência entre os três eixos de aprendizagem artística: a leitura, a contextualização e a produção, formando formas variadas de relações, onde o aluno e o professor irão dialogar.

> A educação cultural que se pretende com a abordagem triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do próprio professor acerca do mundo visual e não uma educação bancária. (BARBOSA, 1998, p.40)

A abordagem de Ana Mae Barbosa, cria um leque de possibilidades para o ensino-aprendizagem da arte, que viaja por vastos campos do conhecimento nos trazendo a interdisciplinaridade, enquanto a ação que não está presa a uma metodologia, assim, pode

seguir direções diferentes, que se completam em cada experiência de arte e do conhecimento.

Percebemos, com os escritores do livro Abordagem Triangular (Barbosa, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira, 1998) e com Paulo Freire (1991) que a concepção de educação como forma de libertação, nos traz a ideia do pensamento crítico que possui diálogo entre a prática e do pensamento. Para Paulo Freire, educador, pedagogo, filosofo que desenvolveu métodos inovadores na educação, essa condição se deve também pela capacidade da arte de promover a criticidade do educando.

O ensino-aprendizagem é uma relação mútua do educando com o educador. O educador ensina somente por que continua buscando novos conhecimentos, indagando, possui a capacidade de adquirir os mesmos e ensiná-los, nessa condição ele tem o poder de educar, porém, como essa relação é mútua ao momento que ele educa, ele é educado. Esse processo deve se dar de forma consciente. O fazer, segundo Freire deve estar associado ao pensar, pois a reflexão crítica sobre a prática serve para melhorar a prática de hoje e a de amanhã. O autor afirma ainda que "O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto, que quase se confunda com a prática''. (FREIRE, 1996, p. 39-40)

Esta consideração dialoga diretamente com a abordagem triangular de Ana Mae, pois a mesma tem sua base nos estudos do autor. Esse compromisso com a consciência crítica do aluno, de que os dois autores falam, é altamente do professor, pois a mudança da curiosidade ingênua dele para uma curiosidade produtiva de conhecimento, não irá acontecer de forma biológica, automática, essa passagem cabe ao educador e as práticas educativas realizarem. O exercício da curiosidade crítica, vai levar o aluno, diretamente, a geração de criatividade, imaginação e emoção que pode e deve então ser trabalhada na prática artística e artístico-pedagógica.

Ainda a partir dos estudos de Paulo Freire, o ensino da arte mesmo necessitando dessa passagem, ainda assim, deverá o educador não ignorar o conhecimento da realidade concreta desse aluno, mas sim, associá-la a disciplina de artes, pois o aluno como indivíduo possui uma experiência social a que ele terá interesse, e é nesse momento que o aluno terá ou não interesse aquilo que será tratado.

Aproveitando para dizer que a escola básica e também a universidade são um dos poucos lugares em que será possível acontecer essa experiência de choques culturais e a presença da diversidade das etnias, religiões, vivências, gêneros e gostos em geral. Esses locais assim como a arte são uma complexa mistura de identidades que estão se

relacionando o tempo todo nesse espaço, incentivando sempre essa imaginação e criatividade do aluno. Para Freire, a arte e a cultura como puro treinamento técnico e copiador é amesquinhar o que há de mais humano na arte-educação.

> Devemos compreender, interpretar e considerar as especificidades dos contextos no cotidiano -refletindo visual, histórica, antropologicamente ou a partir de outro conhecimento que dê subsídios para a leitura dos trabalhos artísticos contemporâneos, consequentemente do mundo em que vivemos, considerando as características individuais de cada um. (AMARAL, 2010, p. 158)

Agora, buscando pensar sobre ensino-aprendizagem, compreendemos que em nenhuma outra época, o ser humano conseguiu adquirir tantos conhecimentos como hoje. Na televisão, revistas, páginas na internet, publicidade, banners nos fazem aprender 'coisas' de forma inconsciente. Entretanto, podemos perceber que, apesar dos conhecimentos adquiridos, eles não estão envolvidos em um processo consciente, sensível e crítico, mas sim, em um processo massivo, automático e técnico. De acordo com Barbosa, "Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através das imagens a 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente''. (Barbosa, 2010, p. 36)

Para Ana Mae, a produção de arte que envolvem 25% de todos os meios de trabalhos, são vistos por todos nós, que precisamos de um julgamento de qualidade dessas imagens que podem ser obras de arte como publicidade e mídia. Por isso, a relevância da alfabetização para todo e qualquer leitura de imagem para que a decodificação das mesmas possa vir de forma consciente possuindo um filtro de qualidade do que está sendo visto: "Através da leitura de obras de artes plásticas estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual''. Essa superprodução de arte pode não só gerar o adestramento do pensamento das massas, mas como roubar da imagem uma de suas características mais valiosa, que é a experiência e a estética que ela pode nos prover.

De acordo com o filósofo e pedagogista, John Dewey, a experiência deve acontecer de forma intelectual pois, a experiência e o pensar intelectual, são extremamente relevantes, para a verdadeira prática da liberdade. Sendo assim, se a imagem for lida de forma mecânica e automática ela não provocará uma experiência estética. Não possuirá fim libertador.

> Os inimigos do estético não são o prático, nem o intelectual. São a monotonia, a desatenção para com as pendências [...] Abstinência rigorosa, submissão coagida e estreiteza, por um lado, desperdício, incoerência e complacência displicente, por outro, são desvios em direções opostas da unidade de uma experiência. (DEWEY, 2010, p. 117)

Essa experiência, que nos desperta um contextualização de nossas vidas, que desperta a imaginação, que vai nos dirigir para a criatividade e ao conhecimento, e que pode nos capacitar a compreender a história e a arte dentro de nossas organizações humanas não serão encontradas na publicidade, não será encontrado de acordo com Dewey, nos registros contábeis, nem na economia, mas sim nas linguagens da arte, no teatro, nas ilustrações artísticas, nas esculturas ou na ficção.

> Sua natureza e importância só podem expressar-se pela arte, por que há uma unidade da experiência que só pode ser expressa como uma experiência. A experiência é de um material carregado de suspense e avança para sua consumação por uma série interligada de incidentes variáveis. (DEWEY, 2010, p. 121)

Para Ana Mae, os educadores podem e devem influir no desenvolvimento cultural dos estudantes, potencializa a produção, do sentimento e os aspectos cognitivos desses alunos. O que nos faz compreender que na formação tanto do professor quanto do aluno, a compreensão do valor dos sentimentos e emoções é de suma importância, e não a repetição mecânica do gesto.

Com isso, a arte-educação não só é fundamental para o processo de sensibilização do ser, como também para o desenvolvimento do pensamento crítico, de sua curiosidade epistemológica, assim como o desenvolvimento psicomotor, auxiliando a aprendizagem não só de arte como das outras disciplinas.

A apreciação, a prática de arte e o seu aprendizado de qualidade, não é somente construtivo para o conhecimento do aluno e para seu desenvolvimento como indivíduo, mas como é seu por direito.

Podemos compreender nesse momento que a apreciação das imagens também pode ocorrer através de sua leitura. Para compreendermos a relação da imagem com o texto, que há entre a literatura e a ilustração, necessitamos entender que um depende do

outro nessa atividade. Desde as leituras antigas até a atualidade com os livros ilustrados contemporâneos e atualizados, as imagens sempre ocuparam um lugar relevante no livro, quer ao nível de compreensão textual, quer da experiência estética. Na leitura infantil, a relação texto e imagem tem sido intensificada, pois as crianças novas mesmo não compreendo ou possuindo dificuldade em faze-la possui ajuda ao analisar as imagens, promovendo também um impulso para os alunos iniciaram um aprendizado da leitura. Com isso podemos ver que a leitura e a imagem estão vinculadas umas às outras nesse momento de análise e ter o aprendizado de leitura de imagem crítica e emancipadora é também possuir mais uma forma de ler o mundo.

1.1. PRÁTICA DE LEITURA NA LITERATURA INFANTIL

A literatura voltada para criança teve seus primeiros momentos no Brasil do Século XVIII, onde segundo a professora e crítica literária, Nelly Novaes Coelho, foi um novo caminho para reconhecer a infância e a criança. No século XIX, deram início a consciência de uma literatura própria. Para a autora, essa literatura, será processada no âmbito escolar, devido, os conceitos de literatura e educação estarem ligados, e se manifestar apenas em algumas regiões do país, onde possuíam maior influência da literatura didática e infantil de Portugal que possuíam uma cultura mais desenvolvida.

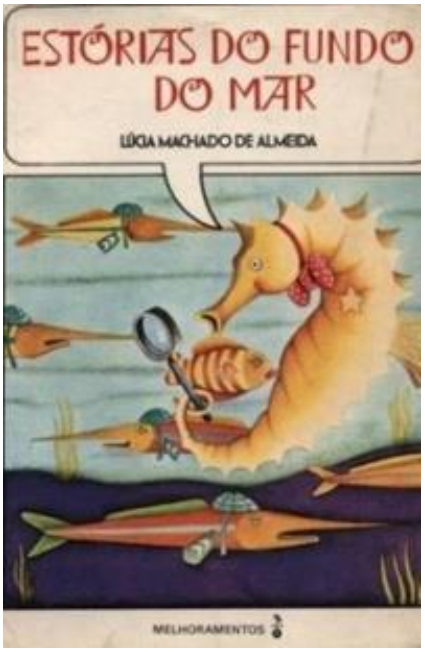
Porém, foi com escritor Monteiro Lobato, em 1921, com a ‘Menina do narizinho arrebitado’ (figura 1) que a verdadeira Literatura infantil no Brasil tem início. De acordo com escritor e crítico literário, Edgard Cavalheiro, a literatura não existia antes de Monteiro Lobato, pois os textos voltados a criança, não possuíam conteúdo folclórico, de lendas ou da tradição da cultura brasileira. Para Nelly Novaes, foi com Lobato, que a literatura voltada a realidade da criança e aos seus interesses, como o universo lúdico e mágico, foi aprofundada.

> Foi ele, sem sombra de dúvida que fazendo a herança do passado submergir no presente, encontrou o novo caminho criador, que a literatura infantil estava necessitando [...] e abre as portas para a criatividade que precisava ser liberada. (Coelho, 1981, p. 354).

Figura 1: Capa “A Menina do Narizinho Arrebitado”, Monteiro Lobato, Ilustração de Voltolino, Fonte: Estante Virtual

Coelho nos conta, que entre o período de 1930 a 1940, a produção lobatiana, representou quase que sozinha, toda a literatura brasileira, mesmo sendo vista como produção de segundo plano, devido a prioridade dos textos pedagógicos e cívicos para crianças. Foi no final dessa década que surgiu as produções de Lúcia de Almeida com as Estórias do Fundo do Mar (figura 2) que conseguiram atender às exigências didáticas da população estudantil, onde a maior preocupação era com a intenção didática.

Figura 2: Capa Estórias do fundo do mar, Lucia Almeida. Fonte: Skoob.



Foi nos anos de 1950 onde foram combatidas as “irrealidades” na literatura infantil e em 1960, ainda com a preocupação do ensino nas escolas, a massificação da cultura nas escolas foi intensificada. Já na década seguinte, tivemos uma nova roupagem da literatura para crianças, os diferentes estilos e formas de linguagem apresentaram histórias divertidas, combatendo o modelo convencional até então estipulado, o imaginário e o pensamento crítico das crianças começaram a ser estimulados, assim seguimos um caminho onde não é estipulado um ideal absoluto para a literatura infantil brasileira. A partir daí pode-se, no âmbito escolar, trabalhar com a prática de leitura e a sua importância.

Sendo assim a educação hoje, entende a prática de leitura de forma inventiva. Segundo o historiador e pesquisador na área da cultura e livros, Roger Chartier (1985), a leitura como reprodução, irá anular a imaginação e a leitura inventiva da criança no texto lido, por isso, deve-se pensar na leitura como produtora de vários significados, existindo várias maneiras de se ler, de forma individual, coletiva ou contando histórias. Devemos também pensar na democratização dos materiais infantis, devido a divisão sociocultural que monopolizou essas manifestações artísticas voltadas para o público infantil. Isso acontece, segundo o autor devido, ao fato de que nos séculos XVI em diante a aquisição do domínio da leitura era feita aos sete anos, e a aquisição da escrita aos oito, porém é nesse período onde as crianças das classes mais pobres iniciavam sua carreira trabalhista, para auxiliar a família, acarretando desde então uma cultura da literatura e do aprendizado sempre voltada as crianças que poderiam se dedicar aos estudos, ou seja, as classes dominantes.

Podemos ver que até os dias de hoje, as crianças das classes baixas, não possuem acesso à leitura e a escrita da mesma forma que as crianças mais privilegiadas. De acordo com Freire (1999) os educandos acabam se tornando somente reprodutores de palavras que estão escritas no papel, mas não conseguem, interpretar e analisar de forma crítica o que está escrito.

> O [...] memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória-não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. (Freire, 1999, p.30)

Ainda com Chartier, vemos a leitura com várias possibilidades de significações e também uma facilitadora da comunicação humana. Nesse sentido podemos entender a magnitude da leitura como ato individual, que não é capaz apenas de memorizar ou reproduzir uma única ideia, mas sua capacidade maior está na criação imaginativa do leitor que poderá criar, imaginar e produzir suas próprias ideias a partir da leitura feita.

É sabido que os variados significados da leitura, são influenciados diretamente pela relação que o leitor estabelece com o livro. Por meio de suas experiências como indivíduo, de seu repertório, de sua experiência, e até da sua posição corporal, o ambiente que está, o clima, tal relação é construída e todos estes aspectos são fatores que possibilitam a construção de sentido da leitura. Sobre isso Chartier ainda destaca:

> Qualquer leitura é uma leitura comparativa, contato do livro com outros livros. [...]. Ler, será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer as memórias anteriores e de dados culturais. (Chartier, 1985, p. 112)

Se a leitura é tão importante para a vida de qualquer indivíduo, também deve fazer parte da escola. A prática de leitura nos bancos escolares promove o desenvolvimento dos educandos, gera muitas possibilidades de comunicação, presente em toda e qualquer relação social ou profissional do indivíduo. Além de ampliar o conhecimento proporciona entretenimento de qualidade, progresso intelectual e crítico, e pode ser um dos principais meios de emancipação pessoal.

O ganho das habilidades lexicais que é a dominação do acervo de palavras mencionado por Chartier em Práticas de leitura (1985) enriquece o vocabulário do indivíduo de forma gramatical e também para que consigam opinar, criticar e ter maior conhecimento cultural, intelectual e social. Para as primeiras séries do ensino fundamental a leitura é parte primordial no processo de Alfabetização.

A leitura também é uma forma de aproximação entre pessoas e culturas, gera afeto e sensibilidade. A prática de leitura é permitir, que o outro, saiba, o autor nos mostra, que não há forma mais clara de transmitir conhecimentos para várias sociedades, como através da leitura. Ler, não é só transmitir como também buscar conhecimentos de suas próprias experiências esquecidas, Segundo Chartier: "A cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro. É uma forma de troca". (Chartier, 1985, p. 116)

Uma das possibilidades de inserção da leitura em salas dos anos iniciais do Ensino Fundamental é com a contação de histórias. Com esta atividade, podemos promover momentos de prazer e aproximação com os colegas. Chartier também fala sobre isto:

> A essa representação de leitura individual, os homens do século XVIII, propuseram uma outra, em que uma leitura em voz alta reúne uma família ou moradores em uma audição partilhada. (Chartier, 1985, p. 92)

Com as informações até então oferecidas, não há dúvidas de que a literatura infantil utilizada de forma correta nas escolas favoreça o processo de ensino-aprendizagem, basta reconhecer a importância da literatura infantil e passar a incentivá-la tanto em sua área gramatical quanto imagética, que veremos inúmeros avanços nas competências e habilidades dos alunos. Para a professora e escritora, Maria Faria (2004) com um grande caráter formador e ético, a literatura é detentora de uma série de referências que vai estimular no leitor a organização de sua função psíquica com intensidade e a sensibilidade. A autora comenta que essa prática é indispensável principalmente, desde o anteceder da alfabetização, continuando em seu processo, pois os livros para crianças é um despertar de interesse e hábito na aquisição da leitura. Colaborando com esta idéia temos:

> [...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (Zilberman, 2003, p.16)

No processo de alfabetização é primordial que a leitura se faça presente pela literatura infantil, para que não ocorra uma alfabetização por repetição ou decodificação, mas uma aquisição da linguagem que por meio de sua socialização ocorrerá uma educação libertadora. Porém, nesse momento é importante que os interesses dos educandos sejam colocados em pauta, para que eles possam se identificar com a ação. Seus interesses

individuais podem vir a gerar troca de experiências culturais e vivências. Nesse sentido, Nelly Novaes nos indica:

> Literatura[...] é ela, dentre as diferentes manifestações da arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar forma e de divulgar valores culturais, que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. (NOVAES, 1981, p. 03)

A autora afirma que a literatura infantil, é uma manifestação da arte, e podemos ver isso, não só em seu texto escrito verbalmente, mas também em seu texto imagético, que da mesma maneira que as palavras, pode ser lido. Quando palavra e imagem entram em sintonia, criam um contexto; uma história; um texto poético. Ana Mae (1998) nos mostra o quanto o ato de ver pode ser considerável no ensino da arte e isso é visto na abordagem triangular. A especialista em educação infantil, Rosana Medeiros (2010), fala sobre isso na Obra Abordagem triangular no ensino das artes e Culturas Visuais (2010) nos dizendo que no momento em que lemos uma imagem, nós refletimos sobre o que estamos vendo e então relacionamos o conteúdo imagético com as nossas experiências. Atribuímos significados ás imagens e criamos intimidade. Alberto Manguel (2001) ao falar sobre a o ato de leitura de imagem nos diz: Nessa relação íntima, forma-se uma nova identidade no qual o modelo, o artista e o observador se tornam ao mesmo tempo um só e o mesmo. (MANGUEL, 2001, p. 199)

Voltando às reflexões de Medeiros, podemos compreender que isso ocorre, pois, o ato de olhar, está comprometido com o passado. O educador precisa concordar que as características da imagem, nos despertam lembranças; vivências, é aí então que podemos entender que a leitura de imagem é individual, e não há motivos para repreender os alunos com certo e errado, pois essa interpretação não pode ser cortada de nossas vivências como indivíduos históricos e culturais. A partir desse conceito de que a leitura de imagem é individual, podemos compreender com os estudos do especialista em filosofia da arte, Duarte (1991) que essa relação, pode ser entendida como experiência. É a partir dela que podemos perceber sua qualidade estética.

Aqui partimos para um outro conceito importante para a leitura de imagens: Estética. Ao pensarmos neste termo, pensamos em um conjunto de ideias que diz respeito a arte e a beleza, esse conceito busca significados, para explicar esse momento em que o

indivíduo possui uma experiência bela. Esses significados nos propiciam a compreensão do mundo através de um sistema simbólico que nos leva, segundo o autor, a esfera do sentir. A beleza, despertada através desse ato é uma forma de nos relacionarmos com o mundo e também com as obras e linguagens artísticas.

> Estética é a parcela da filosofia (e também mais modernamente da psicologia) que dedicada a buscar sentidos e significados para aquela dimensão da vida na qual o homem experiência a beleza. Estética é a ciência da beleza. (Duarte, 1991, p. 08)

Ainda com Duarte, entendemos que a experiência estética permite uma mudança na maneira pragmática de se analisar a imagem, e mesmo acontecendo através da relação indivíduo-objeto, é preciso guiar o aluno para que essa experiência possa ser gerada a partir de sua relação com os sentidos, de forma que as decodificações dessa linguagem penetrem os seus sentidos e emoções. A relevância desse caminho é enorme, pois vivemos em um momento em que cada vez mais cedo os alunos e professores elevam a objetividade, como única forma de leitura, e defendem uma única verdade de interpretação onde os deixam incapaz de manifestar os seus sentimentos dirigidos a arte, ao lúdico e a imaginação. A partir dessa visão Duarte nos afirma que as emoções dos indivíduos passam a acontecer cada vez mais através da violência, pois o indivíduo se torna menos sensível.

> Busca a verdade sobre o objeto e a busca nele próprio em suas formas no seu aparecer. É na sensível e não no conceitual [...] que reside o ser do objeto estético. (Duarte, 1991 p. 55)

Sabendo que o desenvolvimento emocional do aluno é de suma importância, existe então mais uma razão para a utilização da experiência estética em sala de aula, pois segundo Dewey (2010) a experiência estética de uma criança, pode ser muito intensa, é geradora de emoção e quando significativas as emoções são qualidade de vivências complexas que se movimentam e se alteram ao decorrer de seu percurso. Porém, se faltar base no acontecimento delas e nas experiências anteriores do aluno, não alcançará profundidade e nem continuidade. Por isso, a abordagem triangular se aplica tão bem nesse momento. A criança obtendo contextualização sobre a obra, possuindo o deleite e

a fruição da mesma, será capaz de ser presenteada com uma intensa experiência. Dewey comenta que "a experiência estética é ligada a experiência de criar", é nesse momento que entra o valor do "Fazer" conectada a "Contextualização" e a "Fruição" pois:

> Para que a habilidade seja artística, no sentido final, ela precisa ser amorosa; precisa importar-se profundamente com o tema sobre o qual a habilidade é exercida. (Dewey, 2010, p. 127)

Podemos compreender com Dewey, que para a experiência artística possa ocorrer de forma integral, ela precisa fazer o percurso desde o início até o momento final. O indivíduo que experiência a beleza, precisa estar dentro de um fluxo que inicia no objeto e percorre até o sujeito, formando assim um movimento contínuo, onde a consecução da experiência ainda se relacione com tudo que antecedeu a mesma, ou seja, a contextualização e o preparo que ocorreu antes mesmo da experiência em si, já estava conectada com todo esse processo, até mesmo ao momento onde a experiência é finalizada, pois segundo Duarte (1991), experiência estética deve permanecer em nossos pensamentos mesmo após a sua finalização.

> Uma experiência estética deve-se fazer pensar, uma obra de arte é uma grande obra quando permanece "em nossa cabeça" após fruída… é tão somente após a experiência estética que podemos tomá-la como um todo, como um objeto para nosso pensamento conceitual. (Duarte, 1991, p. 60)

Pelas considerações colocadas vimos que o percurso da experiência estética, promovido pela literatura infantil, pode ser trabalhado à luz da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, A pratica da leitura por esta abordagem se dá na contextualização da estória contada, como um percurso de símbolos e imagens artísticas encontradas em uma obra, propiciando para o aluno, uma experiência de beleza, com começo meio e fim, onde esse fim, será marcado ainda pelo pensamento sobre o que foi experiênciado, e o fazer artístico, baseado em um despertar emocional e sensível completamente conectado ao tema visto.

Enfim, vimos que a literatura infantil, é um dos instrumentos mais adequados, para o desenvolvimento da experiência estética, pois é rico em imagens artísticas, com histórias que fazem parte do universo da criança, e ainda com características que traz ao

aluno do ensino infantil, uma formação ética, sensível e crítica, desenvolvendo alunos que possam não só ler, mas como ler imagens e o mundo a sua volta, de forma crítica e independente.

1.2. O PROFESSOR CURADOR

Ao falar sobre o desenvolvimento promovido pela literatura em sala de aula, é preciso compreender de que formas isso pode ocorrer, já que influência da leitura chega até a crianças por vários caminhos a partir do momento que ela é alfabetizada, ou até mesmo, antes, com as leituras de imagem.

Segundo Maria Faria (2004), as competências que formam os leitores podem suceder a partir da educação familiar onde, o domínio da própria linguagem adquirida pela experiência e pela socialização com outros indivíduos já inicia um processo de formação de leitura, pois ler, é compreender tudo que está a sua volta, incluindo as pessoas, as propagandas, televisão e caso seja oferecido pela família, os materiais de leitura. Já na formação escolar, a partir do currículo e do profissional da área da educação, é que a seleção dos meios adequados para se trabalhar a aprendizagem da leitura de texto e imagem, ocorre.

As duas fontes são muito relevantes pois, devido a inserção de informação a que somos expostos o tempo todo, podemos perder então a sensibilidade às informações, e decodificando-as de forma automática. O papel familiar é então incentivar a leitura saudável e filtrar certas informações. Já, a escola, se não houver um processo de escolha rigoroso, poderá tornar a leitura desmotivadora. A imposição da cultura acadêmica não pode ser exigida na leitura da criança e do adolescente, mas sim, uma literatura que valorize esse momento, tornando-o simples e agradável. Desta forma, a leitura infantil:

> Nestes tempos de crise cultural; cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, levando-os, de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia. (Faria, 2004, p.3)

Segundo Faria, o leitor pode percorrer três níveis de leitura. A leitura sensorial, onde os aspectos externos ao livro poderão gerar prazer a criança. Esses aspectos externos, são características do livro como a textura, o tipo de papel, as suas ilustrações

ou o formato que irão deixar o livro mais interessante para o público em questão. Outro nível de leitura, é a emocional, onde através dos sentimentos, o leitor irá libertar suas emoções, criando vínculos e intimidade com a história. E o último, que ocorrerá através do plano intelectual, o leitor irá de forma racional ler aquele conteúdo, percorrendo regras, para melhor apreensão do mesmo. Esses caminhos muitas vezes podem percorrer juntos, trazendo uma proposta de contato emocional e de aprendizado com todo o físico do livro e seu conteúdo.

> Os melhores livros a serem levado a sala de aula são aqueles que utilizam a maneira criativa, várias instâncias, oferecendo várias possibilidades de penetrar na estrutura profunda da alma. (Faria, 2004, p.14)

Faria (2004), nos mostra, que o professor deverá voltar sua atenção para faixa etária com a qual está trabalhando, pois, se ele oferecer um livro onde a complexidade é menor que a do educando, este irá se aborrecer e perder o interesse, porém, se oferecer um livro onde a dificuldade de entendimento for muito maior, a criança irá usufruir das imagens, talvez ler o texto, mas não irá ser capaz de tê-lo de forma integral e não chegará a ter uma experiência com aquele livro.

Além de incitar à curiosidade do aluno sobre as características, pois as crianças em muitas ocasiões não irão conseguir aprofundar sua observação a pontos cruciais do livro. A autora, propõe que o professor desenvolva a capacidade de observação dos educandos, e mostra alguns passos a percorrer e marcar os pontos curiosos e criativos da história. A observação das personagens do livro, tanto os principais como os secundários, olhar todo o espaço do livro, notando a paisagem e sugerir contextos diferentes para a história, são uma das propostas da autora.

Essa atividade irá estimular a criança, a ter essa prática mesmo quando estiver lendo individualmente. Ela passará então a observar não só os livros, mas todos as áreas de sua vida. Entendemos que um dos papéis do professor é então fazer a curadoria dos livros e a mediação dos pequenos leitores com essas obras.

> Daí a grande importância de o professor ter uma formação literária básica para saber analisar os livros infantis, selecionar o que pode interessar às crianças num momento dado e decidir sobre os elementos literários que

> sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a criança já traz de sua pequena experiência de vida (Faria, 2004, p.21)

Após perceber a influência do docente nesse processo, devemos voltar nosso olhar para as características que os livros devem possuir para que sejam significativos na educação da criança. Novaes (1981) conta que cada etapa da criança possui uma necessidade diferente. Nesse momento iremos priorizar o que a autora chama de Segunda infância, onde a criança passa a desenvolver com maior intensidade o pensamento mágico.

> A fantasia tem, daqui por diante, até os seis anos, uma notável importância, uma vez que o pensamento infantil é, nestas idades, absolutamente mágico, todo impregnado de elementos do fantástico e do maravilhoso. (M. Rodrigues, op cit. p.25 *upod* Coelho, 1981, p. 12)

Ainda por esta autora, podemos entender que devido a sensibilidade da criança, e tudo que a cerca em seu cotidiano, a mesma pode desenvolver sentimentos como a tristeza, medo e violência cada vez mais presentes através da televisão ou atitudes familiares. É principalmente nessa situação que a escola precisa proporcionar ao educando o acesso a imaginação e a fantasia que irão proporcionar felicidade e pureza a criança, para que essa intervenção da realidade não atinja a criança em sua saúde mental. Os contos e estórias irão convir em momentos de prazer como nos momentos de aprendizado devido a conexão do enredo com a sua realidade, por isso a importância de os enredos serem sempre ligados aos interesses da criança nessa idade. Os livros que falam sobre família, amigos, medos e cultura são as melhores opções, pois estão vinculados a realidade e ao aprendizado da criança. Todos esses aspectos precisam ser tratados de forma que a atenção da criança seja completamente voltada para o livro.

> Recomenda-se, pois, estórias que reproduzam situações familiares, contos de animais[...]Lugares maravilhosos, animais que falam[...]são ingredientes que detêm nesta fase, o interesse maior do pequeno futuro leitor. Estórias breves, "situações'' bem claras e pitorescas devem ser a forma predominante. (Coelho, 1981, p. 12)

A autora comenta, que os livros mais adequados nesse período, são os livros ricos em imagens, que sejam sempre acompanhados de textos pequenos e claros, pois é nesse momento onde a criança irá consolidar a linguagem e iniciar o aprendizado de leitura, assim, a criança fará uma conexão entre os conteúdos que estão acontecendo dentro de cada uma dessas linguagens e iniciará um processo de aprendizado através da relação texto-imagem e sua interpretação. É essa relação que dá a esses elementos a função de dizer o que o outro não mostrou.

Faria (2004), também destaca que a imagem na formação do leitor possui uma função específica e muito significativa, pois é na ilustração onde os momentos mais significativos da história serão encontrados, e é o seu papel auxiliar na compreensão do texto para a criança. Além, de possuir, o poder de prender o olhar da criança por muito mais tempo que o texto, pois o olhar no texto, percorre conforme lê-se as palavras, já a ilustração, faz com que o olhar da criança, percorra em várias direções diferentes, até ela analisar todos os objetos da imagem.

> A ilustração conta com importantes elementos descritivos que se fossem explicitados integralmente no texto escrito, o tornariam longo e pesado. (Faria, 2004, p.:)

Contudo, podemos entender através das autoras que, além da relevância do professor na curadoria, em escolher os livros, mediar a relação do educando com ele, estimular seu olhar, seu interesse, sua curiosidade e também a sua produção através dessas experiências. Pois é através desses objetos de arte, que o aluno criará suas histórias e desenhos.

Segundo Faria (2004), toda e qualquer criação do educando, não surge somente da sua criatividade e vivências cotidianas, mas sim de sua experiência cultural, de seu estímulo através de contação de histórias, dos poemas, dos livros e das imagens. A autora explica que o indivíduo lê e cria através da interação que ele possui dos seus sentimentos e emoções com suas experiências adquiridas, então, quanto maior seu acesso cultura, a arte e a leitura, maior a variedade de sua produção e pensamentos. Pois, esses elementos possuem referências que irão permitir uma maior organização e acesso com as funções psíquicas ligadas à vida e a sensibilidade que é própria do ser humano.

Através desses conhecimentos, sabemos que devemos considerar as características dos educandos, buscando sempre entender suas opiniões e interesses.

Selecionar obras a partir de seus conteúdos, para que sejam relevantes tanto para a diversão quanto para o aprendizado integral do aluno em seu nível de complexidade intelectual. Assim, como atender a um nível de qualidade textual e imagética, e sua distribuição gráfica, para que o aluno possa entender e relacionar esses elementos. Buscando sempre obras com conteúdo claros, com utilização de ilustrações atraentes, coloridas e que possuam significados relevantes. Dessa forma, a relação aluno-professor-obra, estará a caminho de grandes experiências artísticas e estéticas que irão promover aprendizado e prazer na escola.

2. AÇÃO DOCENTE

A intervenção ocorreu em uma Escola Estadual situada no bairro Vila São Paulo em Bauru. As aulas foram ministradas às segundas-feiras e quartas-feiras no período da tarde, já que os primeiros e segundos anos possuem aula nesse período. As aulas foram iniciadas as 13h com duração aproximada de 50 minutos cada, sendo 15 minutos para a condução dos alunos para o auditório da escola e a organização deles no espaço e 35 minutos para a contação da história entre outras atividades.

Inicialmente a aula desenvolvida com os educandos era a contação de história tendo como objetivo trazer a experiência estética entre os alunos e as linguagens artísticas encontradas na literatura infantil, assim como a participação ativa antes, durante e depois da atividade. Buscando o interesse pela atividade, o dialogo em grupo respeitando a fala do educador e dos colegas.

> A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (Freire, 1999, p. 132)

Assim como a importância da participação em aula, e da análise da história e das imagens, como a percepção de textura, cores e imaginação dos caminhos que a história iria tomar. As atividades foram realizadas no auditório da escola para que os educandos pudessem sair da rotina da sala de aula e direcionar melhor sua atenção para a atividade. O objetivo principal era a atividade ocorrer em rodas, pois possuem como proposta a organização de um círculo entre os alunos, no chão de uma quadra, sala ou pátio, e tem sido uma oportunidade no cotidiano de muitas escolas de diálogo, conhecimento e aprendizado, segundo a pedagoga e doutora em educação Telma Vinha (2000).

> É muito importante que todos os dias os professores, juntamente com as crianças, realizem a roda, pois é nesse momento que elas contam os acontecimentos do dia anterior, dividem seus sentimentos e descobertas com os outros; elaboram as regras e tomam decisões que afetam suas vidas nas salas de aula, realizam o calendário, planejam o dia, trabalha-se o conhecimento social, cantam, ouvem música, planejam passeios e celebrações, etc. (VINHA, 2000, p.179).

É possível perceber com a autora que a roda traz aos alunos e ao professor, um contato maior e mais íntimo, trocam ideias e olhares, assim a atividade ocorre com mais naturalidade, além dos educandos mergulharem nesse momento sem perceber que a história esteja sendo contada.

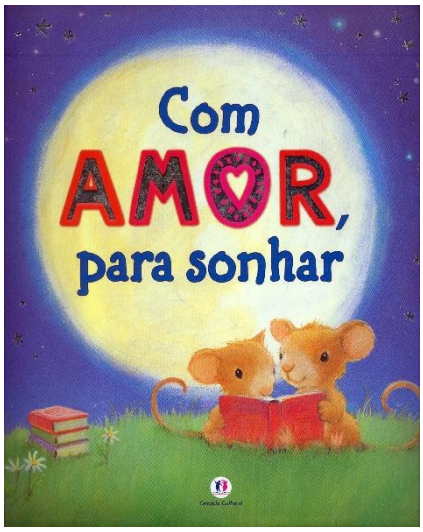
2.1. OS LIVROS INFANTIS.

O Primeiro livro selecionado foi *Com amor para sonhar* da Editora Ciranda Cultural (figura 4). O livro é composto por quatro histórias: Debaixo da cama (figura 3) da autoria de Paul Bright e ilustração de Bem Cort; durma bem, gatinho com autoria de Adele Geras e ilustração de Catherine Walters; Mel e Milu com autoria de Linda Jennings e ilustração de Jane Chapman; Sob a luz da lua com autoria de Sheridan Cain e ilustração de Gaby Hansen. As ilustrações variam de arte digital, que é aquela onde se produz no ambiente gráfico de software e hardware. Aquarelas que são uma técnica de pintura onde os pigmentos se encontram dissolvidos em água, muito utilizada por naturalistas e viajantes a aquarela era utilizada por ser mais prática que a tinta óleo e por último, pinturas. Direcionado a crianças de cinco a oito anos, as histórias são voltadas para

leituras noturnas onde preparam as crianças para dormir, porém também se encaixam em outros momentos. As linguagens visuais encontradas nessa obra poderiam ser de grande valia para o aprendizado de arte, pois, nessa fase os educandos ainda não têm familiaridade ou conhecimento desse tipo de material ou linguagem, pois costumam usar lápis de cor e tintas pastosas como o guache. Conforme elas adquiram conhecimento e contato com novas formas de se fazer arte será mais fácil acrescentar a elas essas práticas em um futuro próximo.

Figura 3: Capa do livro

Figura 4: Capa do livro



A estória selecionada para atividade foi *Debaixo da cama* (figura 3) escrita por Paul Bright na Grã-Bretanha em 2013 e ilustrada por Ben Cort. A estória ocorre debaixo da cama de um garoto onde moram insetos e feras. O intuito é mostrar de forma divertida e com imaginação que a criança não precisa ter medo com o que há debaixo de sua cama. Além, de mostrar ao fim da estória que a criatura que parecia ser perigosa, não era, mostrando que não devemos criar um pré-conceito de algo diferente de nós. Outra intenção da atividade seria então, analisar as formas utilizadas nos livros, as cores, e os animais. Faria (2004), propõe que o professor desenvolva a capacidade de observação dos educandos, assim mostra que a observação das personagens do livro, o olhar para todo o espaço do livro e as ações que estão acontecendo. Essa atividade nesse momento da

escolaridade irá estimular o aluno, a ter essa prática mesmo quando estiver lendo individualmente.

O segundo livro selecionado foi *É o lobo?* (figura 5). Ilustrado digitalmente. Onde a história se passa em uma fazenda na busca do lobo, pelo porquinho. Essa obra teria como intenção explorar as texturas encontradas a todo o momento na estória, com espaços para os alunos colocarem a mão para identificar o que seria encontrado pelo personagem. A textura é o aspecto de uma superfície, que nos permite identificar ou imaginar o material de forma não convencional. Além, de ser um dos elementos muito usados em obras de arte. Promovendo não só a sensibilidade dos educandos, como o conhecimento de mais um elemento do meio artístico. Ativando a imaginação e a participação durante todo o andamento da atividade.

Figura 5: Capa do Livro É o lobo

O outro foco nessa obra, é a finalização do livro com uma página em Pop-up. O livro pop-up é constituído por ilustrações tridimensionais feitos com dobradura que saltam fora do livro. O site *Books Tell you Why*, publicou uma matéria sobre a história dos livros Pop-up, e nos mostra que o autor foi Ramon Llull (1232-1315), um escritor, teólogo e matemático que criou um "Círculo Luliano" (figura 6), um dispositivo que era composto de vários círculos giratórios, eram discos de papel separados e apresentavam uma ciência que criasse uma *linguagem simbólica*, dando origem a uma ciência única. A partir de então foram criados livros com a mesma ferramenta usando a

tridimensionalidade para esses elementos moveis, que tratavam a princípio de medicina, astronomia e ciência natural. Desde então surgiram inúmeras formas de livros tridimensionais, e nos anos 1700 começaram a surgir livros relacionados ao entretenimento infantil.

Figura 6: Ramon Llull - Ars Magna Fonte: Site Books tell you why

Os animais também foram uma das características que tornaram essa obra atrativa, pois, segundo Coelho (1981), são recomendadas histórias que contenham contos de animais, pois são características que prende a atenção do leitor nessa idade. Em *É o lobo*, a exploração gráfica e visual consiste basicamente na construção das ilustrações mostrando as cenas das narrativas, onde são cheias de meios de exploração e investigação para a criança sentir-se na procura que ocorre ao percorrer da estória. As formas e as cores são comuns, mas belas, que permitem ao leitor, a partir das percepções visuais, um encontro com uma arte desenvolvida de forma simples mostrando que é possível desenvolver trabalhos artísticos maravilhosos com essa simplicidade.

3. DA TEORIA À PRÁTICA: AÇÃO.

3.1. AULA I: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA I.

A atividade foi ministrada com salas de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, onde os educandos possuíam de seis a oitos anos de idade. A primeira atividade (figura 7) foi realizada de forma que pudesse ser perceptível a escolha da

atividade ocorrer em roda e não com os alunos sentados em cadeiras de forma convencional.

Após condução dos alunos para o auditório e senta-los em cadeiras, o educador ficou à frente deles. A estória utilizada foi ‘Debaixo da cama’ (figura 3). Assim, o início da atividade ocorreu através de uma dinâmica de perguntas na qual a dúvida era se os alunos possuíam medo ao dormir? Se eles dormiam sozinhos? Com irmãos, avó, mãe ou pai? Porém, poucos alunos participaram e responderam. A estória foi iniciada de forma perceptível, pois os alunos mais próximos prestavam atenção, porém os que estavam mais ao fundo, dispersavam e conversavam entre eles. Ao decorrer do livro, o intuído era identificar com eles as figuras encontradas nas páginas, e novamente poucos participavam, pois, a distância não era favorável. Assim, a finalização da estória foi marcada pela aproximação dos alunos e do livro, folheando o livro para que eles pudessem ter um contato maior com as imagens, porém, a maioria da turma não possuía interesse já que não conseguiram ouvir e participar de forma integral da atividade.

Figura 7: Primeira experiência – fileiras. Fonte: Azevedo, 2018

Figura 8: Segunda experiência – roda. Fonte: Azevedo,2018.

A próxima turma iniciou a atividade (figura 8) da forma planejada, a turma foi organizada em roda, e todos se sentaram ao chão do auditório, a atividade foi iniciada com a dinâmica de perguntas, com o questionamento sobre quais delas possuíam medo na hora de dormir, e com quem elas costumavam dormir. Pois, a partir dos estudos de Barbosa (1998) é possível compreender que o professor deve observar, ouvir o educando, buscar os seus interesses, a sua realidade para a partir de então, trazer estímulos que façam o aluno participar mais da aula, se sentindo parte importante daquele momento. Dessa maneira, muito mais alunos participaram e foi necessário conversar sobre uma organização de fala, onde cada aluno deveria levantar a mão antes de responder à pergunta. Algumas dormiam em beliches com irmãos, outros no sofá, outro aluno com a avó, ou até mesmo no chão da sala. Sobre os medos, alguns responderam que não sentiam medo, outras que tinham medo de aberrações, baratas e aranhas. Foi possível nessa ocasião iniciar a estória de forma imperceptível, pois os educandos já se encontravam completamente mergulhados na conversa. A cada página da estória havia o estimulo dos alunos a identificarem os personagens das histórias. Os primeiros personagens (figura 9) que não possuíam características especificas, pois eram criaturas, eles identificavam como alguns insetos, como baratas, aranhas e joaninhas. Dessa forma, identificamos animais, analisamos as paisagens, onde elas apontavam as características e comentavam o que viam.

Figura 9: Insetos e criaturas, página 02.

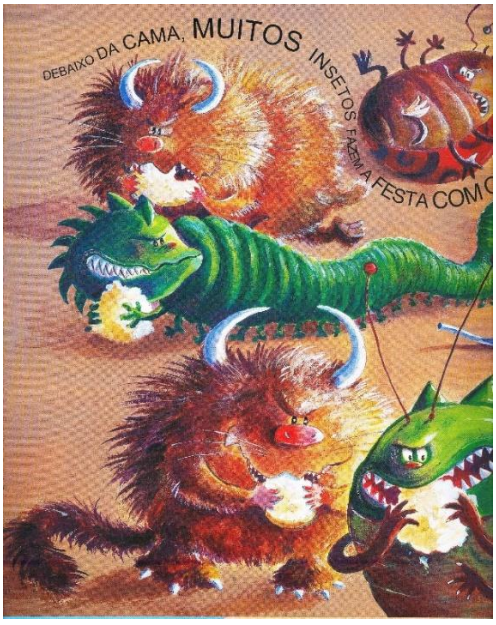
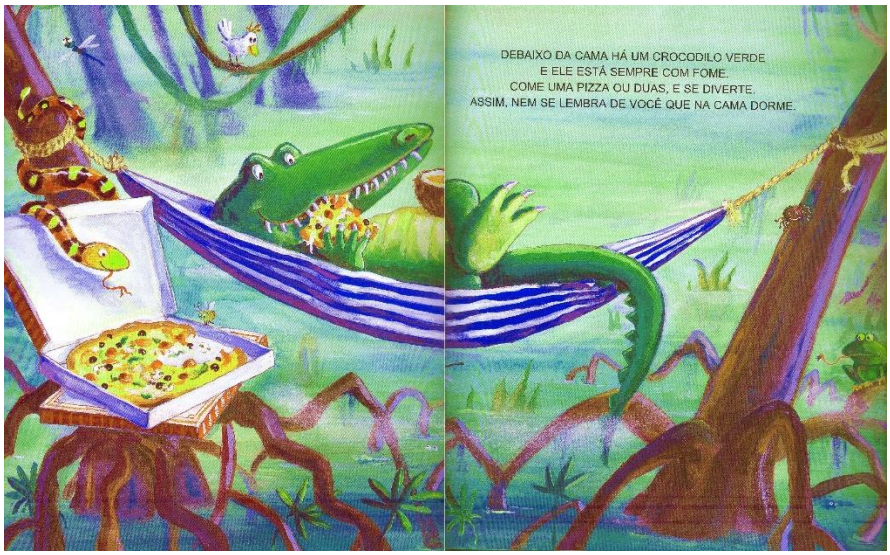
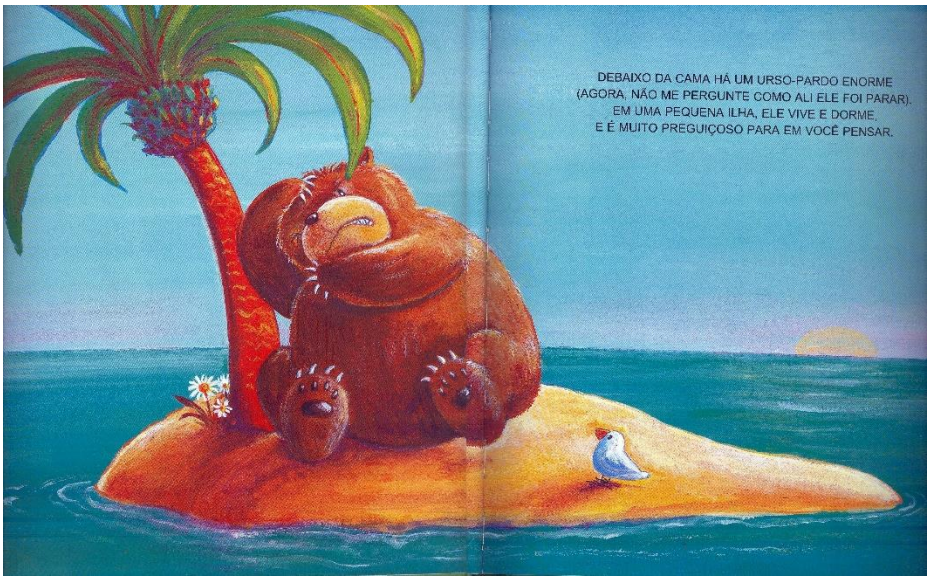


Figura 10: Jacaré, página 7 e 8.



Diante dessa página (figura 10) haviam inúmeros elementos a serem identificados, assim os alunos corriam os olhos por toda a paisagem e descreviam o que viam. Puderam identificar o pássaro, a cobra, a libélula, a aranha na arvore, além de comentar sobre a narrativa da página. O desenho da cobra em comer a pizza, a observação do pássaro em relação ao jacaré, entre outras analises. Abaixo (Figura 11) foi possível analisar o temperamento do urso, a paisagem de praia, o pássaro que também estava presente na página anterior, além das flores e coqueiro.

Figura 11: Urso, página 9 e 10.



Houve também a identificação das cores, já que as cores são classificadas como quentes, frias, suaves, fortes, pesadas e leves, e para cada pessoa ela representa as suas experiências e emoções. Foi questionado a elas que sentimento elas possuíam ao ver as cores, e qual o sabor dessas cores. Pois, para Silveira (2011) três aspectos propostos percorrem o espectro fenomenológico da cor e entre eles está à visão humana das cores que possuem uma grande relação da percepção do ser humano com o cotidiano, as cores despertam emoções e sentimentos e é por meio delas que as crianças despertam em seus desenhos sua expressão, ou seja, cada cor possui para cada ser humano um universo de expressão e significados.

> [...] dos aspectos físicos, temos os estímulos luminosos; dos fisiológicos, o sentido da visão; e dos culturais, a interpretação [...]. Para a autora, sensação seria o processo de tradução fisiológica dos estímulos físicos, ao passo que a percepção consistiria na interpretação cultural e simbólica do próprio ato sensorial. (Freitas, 2015, Cor, Natureza, Cultura)

A interação dos alunos com a história, com a imagem e com as cores foi constante. E a atividade foi finalizada com um grande sentimento de empatia dos educandos pela criatura (figura 12 e 13) da estória que no início parecia ser assustadora para elas, mas ao fim da história elas demonstravam grande benevolência. Para Barbosa (1998) quando a criança compreende o funcionamento de suas emoções ela busca formas de expressá-las. É nesse momento que desenhar pintar e ler por meio da arte pode se tornar uma relação com seus sentimentos, assim a literatura infantil e as personagens das histórias o aluno irá se reconhecer como um ser social em relação aos outros e um ser que sente. Essa relação critica diante dos outros vai levar o aluno a geração de emoção e imaginação. Assim como Dewey (2010) que também comenta que a emoção gerada pela experiência estética podem ser vivencias importantes.

Figura 12: Monstro visto pela primeira vez, página 11 e 12.

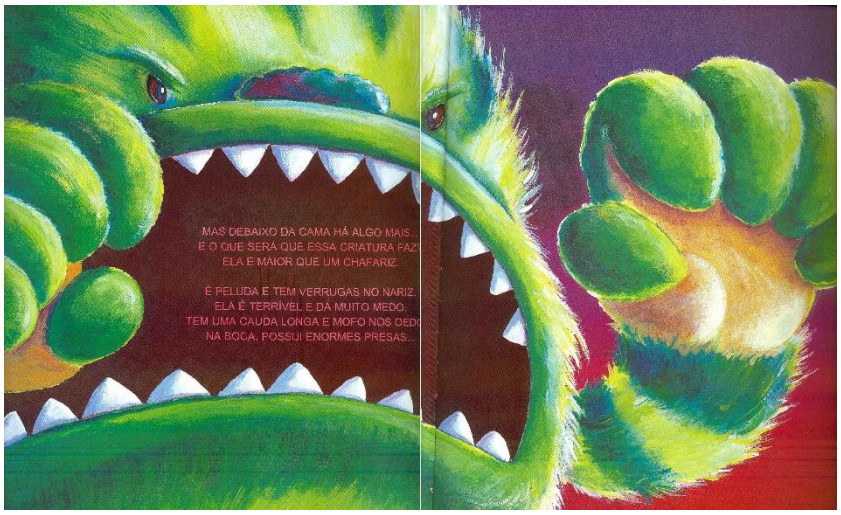
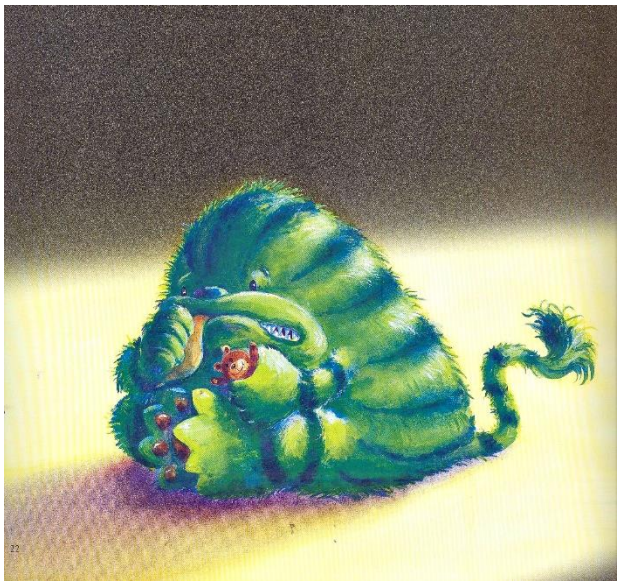


Figura 13: Monstro visto de forma empática, p. 13 e 14.



3.2. AULA II: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA II

A segunda aula realizada uma semana após a primeira, ocorreu em uma quarta-feira no período da tarde. Os alunos eram do segundo ano do fundamental, com idade de sete a oito anos. A atividade ocorreu também no auditório da escola.

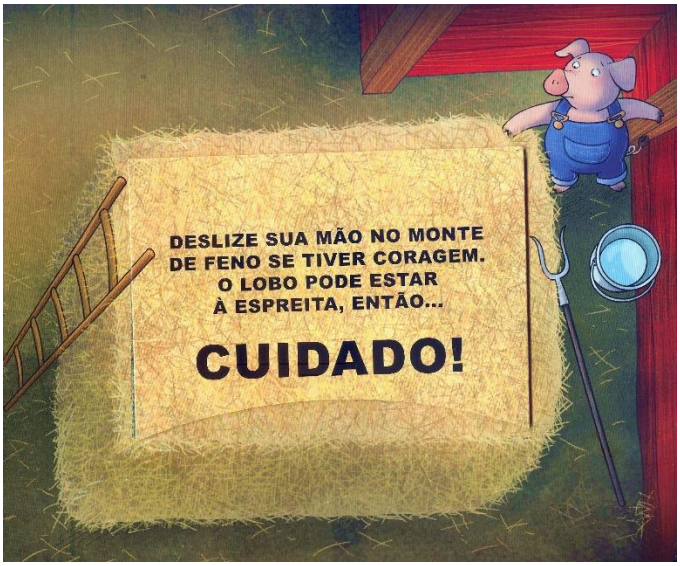
A atividade foi iniciada com o acompanhamento das crianças até o palco, onde se sentaram todas no chão em formato de círculo, conforme orientação citada no subcapitulo

anterior. Assim, começou-se a conversa com os alunos, e a proposta foi descobrir do que elas sentiam medo, devido ao fator central da estória trabalhada *É o lobo?* (figura 5) ser o medo do personagem perante o lobo, porém ser corajoso ao procurá-lo. A conversa proposta deixou os alunos muito entusiasmados e sendo perguntado a todos que levantaram a mão. As respostas ficaram entre animais perigosos, ou situações desagradáveis.

O tema escolhido foi devido a relevância de conversar com os alunos sobre seus sentimentos, ajudando a lidar com as suas dificuldades. Com base nas leituras feitas em um guia desenvolvido pelo psicólogo, Robert Schachter (1990) conversar com a criança pode ajudá-la a desenvolver autoconfiança, assim elas poderão lidar com mais facilidade em relação aos seus sentimentos, medos e problemas quando forem mais velhas. Foi contado a eles, que havia um porco que também possuía medo de algo, e assim se iniciou a contação da estória.

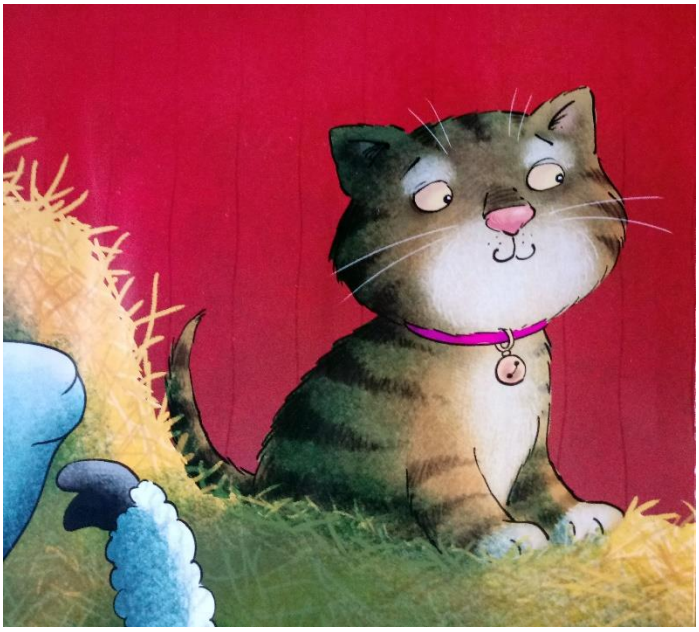
Como essa estória é acompanhada de interatividade pelas caixas de texturas (figura 14) onde o leitor coloca a mão para descobrir o que há naquele local, foi necessário passar com o livro para cada aluno sentir a textura em cada página do livro e ao final era perguntado o que elas imaginavam que seria a textura. Cada caixa composta por um material como algodão, lixa, papel grudento entre outros representando um personagem como o gato, pé do papai porco e sapo, respectivamente.

Figura 14: Caixa de textura, página 4.



Esse suporte foi relevante para atividade, pois essa materialidade, foi essencial para que eles pudessem apurar os sentidos, pensarem sobre o livro que se apresenta em sua forma e não somente em seu conteúdo. Após essa identificação os educandos levantavam a mão e falavam sobre suas ideias, quando todos participavam era revelado o que estava por trás daquela textura na estória, como, por exemplo, o algodão que representava o gato (figura 15) na primeira parte da estória.

Figura 15: Gato representado pela textura de algodão.



Dessa forma, até o fim da atividade, os ouvintes, esqueceram-se do personagem lobo, com isso foi sugerido que todos ficassem juntos e de frente para o livro para que a última página fosse aberta, onde havia o Pop-up (figura 18) do lobo que saltava para fora da obra, os educandos ficaram muito impressionados, assustados e maravilhados.

3.3. AULA III: PRÁTICA I E II

Para compreender esse momento da atividade é necessário entender que para Piaget (1896-1980), o desenvolvimento do desenho da criança possui etapas, mas o foco será buscar as etapas que tratam dos alunos que participaram das contações, que possuem

de 6 a 8 anos. Segundo Piaget (1978) esse período é marcado pela etapa pré-operatório que trata da concretização do exercício da ação. O desenho passa a ser assimilado no momento em que o indivíduo reconhece um objeto no seu desenho. Nesta fase a criança mostra imenso prazer em desenhar. Além, de ocorrer a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. A criança começa a desenhar aquilo que pensa ou vê, mesmo que as formas do desenho fiquem dispersas e não relacionados entre eles.

Essa etapa consiste em descrever de forma minuciosa a atividade ocorrida em uma quarta-feira, no período da tarde. Onde a proposta foi realizada com crianças de seis a oito anos de idade, dos primeiros e segundos anos do ensino fundamental, em sala de aula para que os alunos pudessem se concentrar em seus desenhos individualmente trazendo a sua experiência sem maiores influências dos colegas de sala. Devido o costume de praticar cópias umas das outras abandonando sua verdadeira experiência com a atividade.

A proposta não consiste em limitar os alunos a uma temática rígida, pois segundo Bédard (2013), a criança desenvolve melhor sua arte quando feito de forma livre, ao desenhar de forma espontânea a criança parte para uma atividade que pode levá-la a uma construção de imaginação, emoção e diversão, porém quando feito por obrigação ou com muitas limitações ela perde o prazer.

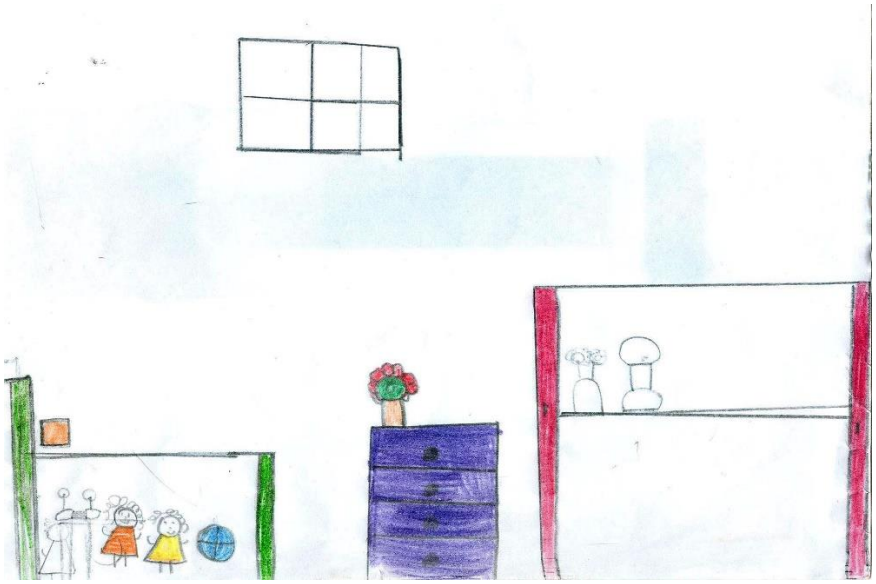
> "Sem perceber, a criança transporta seu estado anímico ao papel. Não é conveniente obriga-la a desenhar se ela não sente a necessidade de fazê-lo. Deve desenhar por prazer nunca por obrigação. É recomendável deixar que sua imaginação manifeste-se com toda liberdade" (Bédard, 2013, p.8).

Portanto, a melhor maneira seria propor a elas que representassem sob a forma de desenho ou pinturas, que poderiam ser figurativas ou abstratas, pois o autor comenta que o mais relevante é o simbolismo e a mensagem que a criança irá transmitir para nós e não a sua perfeição estética. Através dessas obras deveriam expor suas experiências a partir da estória 'debaixo da cama' e das linguagens artísticas encontradas no livro, bem como as perguntas feitas na dinâmica, sobre o que havia debaixo de suas camas. Com outra turma a proposta foi um pouco diferente, e através dos desenhos deveriam expor suas experiências a partir da estória 'É o lobo?' e das linguagens artísticas encontradas no livro, bem como as perguntas feitas na dinâmica sobre o que sentiam medo. Os materiais usados foram escolhidos a partir do princípio de que o aluno provém de famílias

de baixa renda e com isso muitos desses alunos não possuem material. Portanto, foram utilizados cadernos de desenho e papel sulfite para os alunos que não possuíam caderno. E lápis de cor oferecido pelo Estado de São Paulo, mas a escolha do lápis de cor comum foi uma opção dos alunos ao ser perguntado. Ao analisar os estudos de Bédard (2013) podemos perceber que as crianças são muito atraídas pelo giz de cera, pela ponta e traços grossos, porém com o aumento da idade elas preferem os lápis, para o autor "Á medida que os gostos da criança evoluem e vão refinando-se, passará a se sentir atraída pelos lápis de madeira'' (Bédard, 2013, p.11). Porém, os alunos que possuíam canetinhas ou giz de cera também ficaram livres para utilizar.

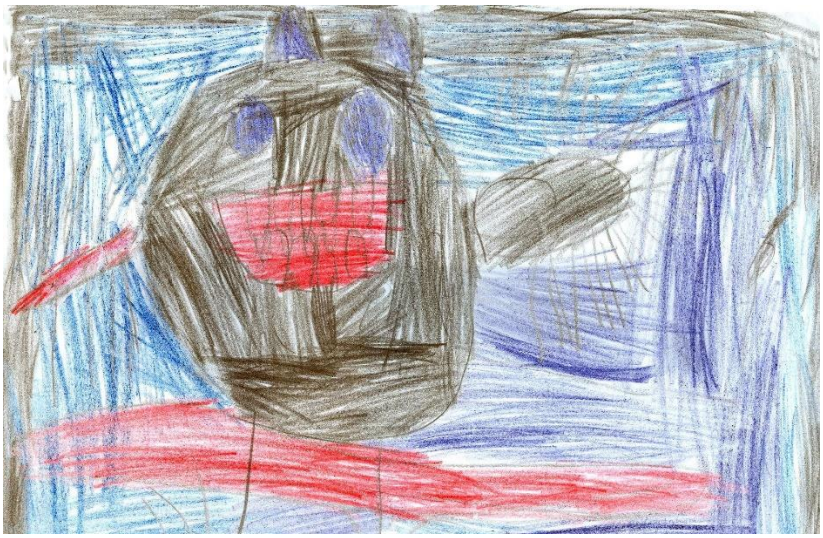
Alguns dos estudantes ficaram concentrados e silenciosos, já outros alunos andavam pela sala e mostravam seus desenhos explicando o que haviam feito e pensado com a proposta. Houve a percepção de que alguns alunos se prendem muito ao valor estético e aos formatos rígidos (figura 16), já outros educandos, se sentiram muito mais livre e passavam os lápis pela folha com muita intensidade, concentração e liberdade (figura 17). A intenção foi interferir pouco nos desenhos, pois o intuito era perceber realmente a visão deles sobre todo o processo.

Figura 16: M.S. De baixo da cama, 2018.



Fonte: acervo do pesquisador

Figura 17: E.R. Lobo, 2018.



Fonte: acervo do pesquisador

3.4. ANÁLISE DE EXPÊRIENCIA

3.4.1. EXPERIÊNCIA I: FILEIRAS

Verificamos, nas experiências da contação de história '*Debaixo da cama'* em primeiro momento, que se colocado os alunos em cadeiras e fileiras, onde haja um distanciamento do educador e dos educandos, a intensidade da experiência cai significadamente, os alunos dispersam com facilidade, conversam entre eles, além de não possuírem desejo de participação. Analisamos que os alunos não puderam se sentir parte daquele momento, assim como o educador também não consegue atingir um grau de intimidade com os alunos. A experiência estética por sua vez, não acontece de forma alguma, a maioria das crianças não possuem alcance visual das imagens. Portanto, não é possível praticar atividades interativas de análise da paisagem, dos personagens e das cores. Torna-se então uma atividade sem propósito, com reações fracas e pobres.

3.4.2. ANALISE: DE BAIXO DA CAMA EM RODA

A partir dessa experiência foi possível analisar que durante a atividade os alunos identificaram-se com o enredo, devido ao medo de alguns em dormirem a noite. Foi uma

chance para eles exporem seus sentimentos e sua percepção sobre o que há em baixo de suas camas. Ou até mesmo na situação às vezes um pouco complicada de alguns educandos de não possuírem uma cama, e puderam dividir com a turma que dormiam na sala, em um colchão, ou com a avó, pois precisava cuidar dela devido uma doença. Foi um momento de muita intimidade e muita comunicação. Os alunos ao decorrer de toda a atividade se sentiam cada vez mais à vontade para falar e contar como se sentiam. Durante toda a estória os alunos puderam analisar as personagens, assim comentavam como elas se sentiam sobre eles. Foi perceptível o interesse pelas criaturas estranhas que elas nunca haviam visto, falavam sobre o pelo, as garras, os dentes e também foi nítida a curiosidade de algumas em algumas situações inusitadas como:

- Como um dragão pode caber em baixo de uma cama?

- Como o urso foi até a ilha? Outra responde – Nadando ué.

As paisagens e imagens fantásticas criaram um impacto muito forte, pois os alunos prestavam muita atenção em todas as páginas e quando não conseguiam ver algo pediam, imediatamente, para voltar e poder analisar de perto.

> A metodologia de análise deve ser de escolha do professor e do fruídor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico etc. (BARBOSA, 1998, p. 39)

Assim, como na maioria das vezes eles possuíam a necessidade de colocar a mão sobre a página, sobre os desenhos para tentar sentir as texturas que pareciam ter os animais como dragão, urso, cobra entre outros. Nessa estória fantástica os alunos puderam encontrar em um mundo imaginário uma característica de um drama vivido por eles, exercitando uma reflexão e compreensão de inúmeras possibilidades que eles poderiam ter em pensar o que poderia ter em baixo de suas camas, trazendo um novo significado para eles. Podemos ver essa afirmação através do autor ECO (2003: 21) afirmando ao falar sobre a leitura de histórias: “qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso nós os lemos e os amamos”.

As situações e imagens inusitadas expandiram as suas imaginações, pois essas situações mostravam caminhos que elas mesmas pensavam ser impossível de se imaginar e as cenas engraçadas do livro trouxeram também uma grande diversão, provocando risos

e sorrisos. Outras emoções foram expressas, e a ilustração possui papel fundamental ao mostrar esses sentimentos nas expressões faciais das personagens, isso é notado, pois em alguns momentos é percebida a mesma expressão facial no aluno e no personagem, como um espelho.

3.4.3. ANALISE: É O LOBO?

Tendo em vista que a proposta do livro é a interação do leitor, a atividade foi de uma participação incessante. Ao iniciar a conversa sobre os medos os alunos participaram respondendo que possuíam medo de diversas situações e animais. Eles interagiram bastante nesse momento, pois acharam engraçadas as respostas dos amigos, ou ficavam surpresos com as mesmas. Foi importante, pois, ajudou muito a começar a interação e a prender a atenção dos alunos. Segundo Novaes (1981), os sentimentos individuais dos alunos podem gerar uma troca cultural e de experiência entre eles. Por isso conhecer os medos é curioso e estimulante para eles. Ao perceberem que o conto era sobre um porquinho, resgataram de suas experiências o conto clássico dos *três porquinhos,* onde é contada a história da fuga de três irmãos porcos que ao perderem suas casas com o sopro do lobo correm para a casa do terceiro irmão que era feita de tijolos. Mas, perceberam em seguida que se tratava de outra narrativa.

O contato com a textura foi muito intenso, ao sentirem as texturas encontradas no livro, elas buscavam em suas memórias objetos ou animais que poderiam se encaixar com a superfície. Uma das respostas mais inusitadas foi à comparação da textura áspera com um *shape* de *Skate*, (parte onde possui uma lixa para os pés não escorregarem). No entanto, pode-se perceber que nesse momento eles não assimilaram o objeto ao contexto da narrativa, mas sim de suas vivências. Ao estarem tão entretidas com o contexto e as imagens do livro, quando foi necessário aproximar os alunos para que todos eles pudessem ver ao mesmo tempo o *Pop-up* do lobo saltando do livro, elas não percebiam que se tratava do fim da estória e que o lobo apareceria, e ainda assim se assustavam de forma intensa com a experiência. Ao verem o *pop-up* alguns dos alunos gritaram, ou se afastaram em reação ao susto e outros foram ao encontro do livro para colocarem a mão na boca do lobo que se encontrava abrindo e fechando conforme o livro se movimentava. Isso mostrou que quando a criança possui a possibilidade de interagir com o livro ao tocar, e ao ver algo saltando aos seus olhos ela possui grande interesse e curiosidade. Podemos

ver que essa expectativa se dá pelo fato do próprio livro possuir uma forma de aumentar a tensão do leitor, trazendo a expectativa de encontrar o lobo, porém sempre há outra personagem, e não o lobo. Porém, no fim da história quando o leitor espera um outro personagem, aparece o pop-up do Lobo saltando para fora e causando o susto. Tendo em vista a textura e o *pop-up* da obra, Faria (2004) comenta que a experiência se encontra como uma leitura sensorial, onde os aspectos externos como a textura deixa a leitura mais interativa e interessante, trazendo muita diversão e prazer. Outro aspecto analisado foi a de leitura emocional, onde através dos sentimentos, o leitor libertou suas emoções, criando vínculos e intimidade com a narrativa.

Figura 18: Abertura da última página – pop-up. Fonte: Azevedo,2018.

3.4.4. ANALISE PRÁTICA: DESENHOS

Para as reflexões que serão feitas a partir desse estudo, torna-se referência os estudos de Bedárd (2013) como interpretação dos desenhos produzidos pelos educandos em um processo de contexto com a estória, a fruição pela experiência estética através das linguagens artísticas encontradas nos livros infantis.

> Nesta fase "partem para o processo de pesquisa através de experiências diretas […] Durante esta fase as crianças desenham, pintam, discutem, dramatizam, escrevem, recolhem dados e informação […] para adquirir informações [...] utilizando a maior variedade possível de linguagens ". (Vasconcelos, Ministério da Educação, 1998, p.143)

Essa etapa consiste em descrever, sob esses fatores interpretativos o desenho da criança, para buscar compreender os efeitos da experiência estética do livro infantil e da contação da estória para os alunos. Todos os processos e atitudes serão analisados bem como os desenhos. Pois, para o autor a interpretação consiste na observação da reação do educando em relação ao seu desenho e seu processo. Para ele, atitudes como tentar apagar sempre os traços, jogar seu desenho no lixo ou desistir em meio ao processo mostra uma situação pouco agradável para elas. Assim, como a criança desenhar em silêncio pode indicar concentração e interesse. As cores também devem ser analisadas, podem demonstrar a personalidade, os traços e as dimensões revelam para o autor, rapidez ou dúvidas e o desejo de afirmação. O autor comenta ' É como se a criança pensasse 'Vivo e existo'' (Bédard, 2013, p. 18).

Os desenhos produzidos de forma simples durante um período menor que cinquenta minutos de aula possuem como finalidade não sua perfeição estética, mas sua representação diante da expressividade do aluno ao lembrar-se de sua experiência de leitura e estética ao estar diante das linguagens da literatura infantil proposta nas atividades das semanas anteriores. Como não houve nenhuma interferência no processo, uma das formas avaliativas será também a compreensão da proposta, sem partir para desenhos que não tenham conexão com as vivências.

Organizando em grupos os desenhos das crianças, pude perceber que houve em grande parte a criação de Lobos, Medos, Representação do que há em baixo da cama, e das personagens. Nesse grupo podemos perceber o impacto do personagem Lobo para eles. Os Lobos, possuem representações muito diferentes para as crianças, tantos nos aspectos das cores, quanto das formas. Além de sua expressão emocional, o lobo pode aparecer feroz, ou simpático. A maioria dos traços são contínuos, isso mostra segurança e harmonia. Assim, como os traços fortes e apertados indicando entusiasmo. Em um dos desenhos (figura 19) podemos perceber a representação do lobo, porém, com uma imagem de uma onça pintada, pois provavelmente havia na memória do aluno um

repertório sobre esse animal. Em um dos desenhos (figura 22), podemos ver também a representação do lobo com um sol, para Bédard (2013) o sol pode representar o lado independente e combativo do aluno, evidentemente outras leituras dos desenhos podem ocorrer, dependendo da abordagem da linha teórica.

Figura 19: E, Lobo,2018.

Figura 20: M. Lobo, 2018.

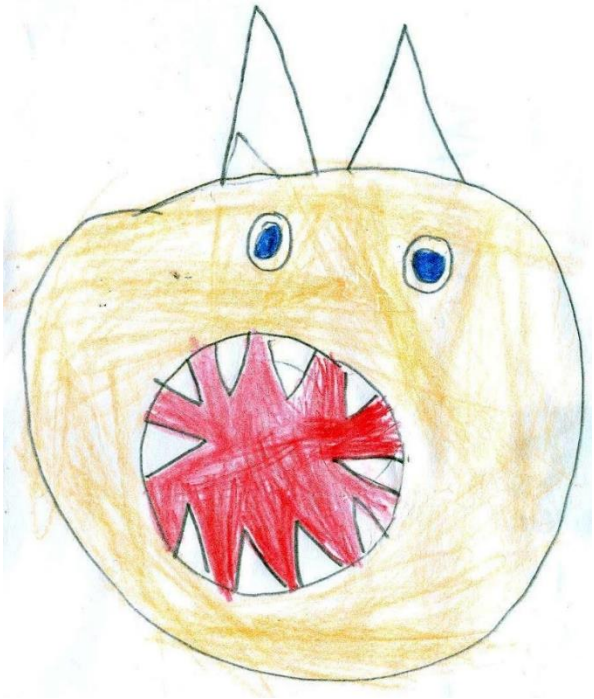


Figura 21: T. Lobo, 2018.

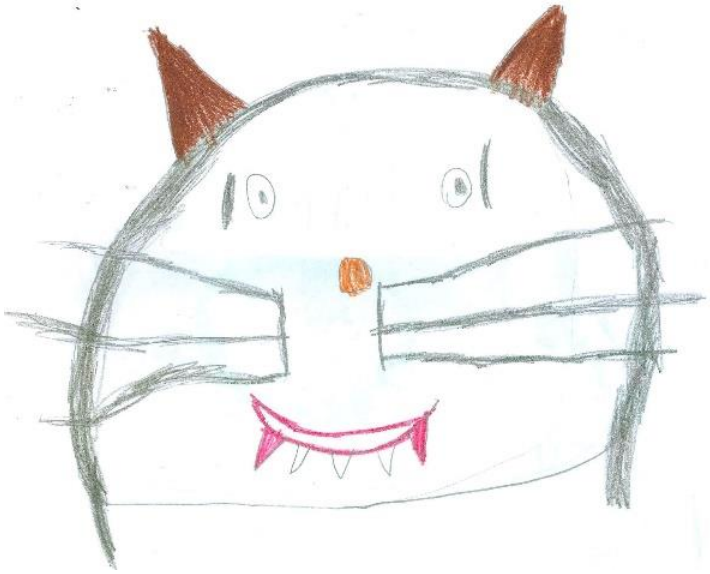


Figura 22: D. Lobo, 2018.

Esse grupo de alunos possuía mais desejo em expressar os seus medos, entendendo que foi relevante conversar sobre seus sentimentos, para elas. Nessas figuras podemos ver o medo de altura (figura 23), tubarões (figura 25), escorpião, cão, aranha, e uma cobra (figura 24); jacaré e cobra (figura 26). Em dois deles houve a representação da chuva, para Bérdad (2013) esse componente pode representar lágrimas, ocasionada por

algo ruim (desgraça). As nuvens em excesso, em alguns casos também pode ter indícios de mau tempo, ou seja, situação ruim.

Figura 23: L. Medo, 2018.

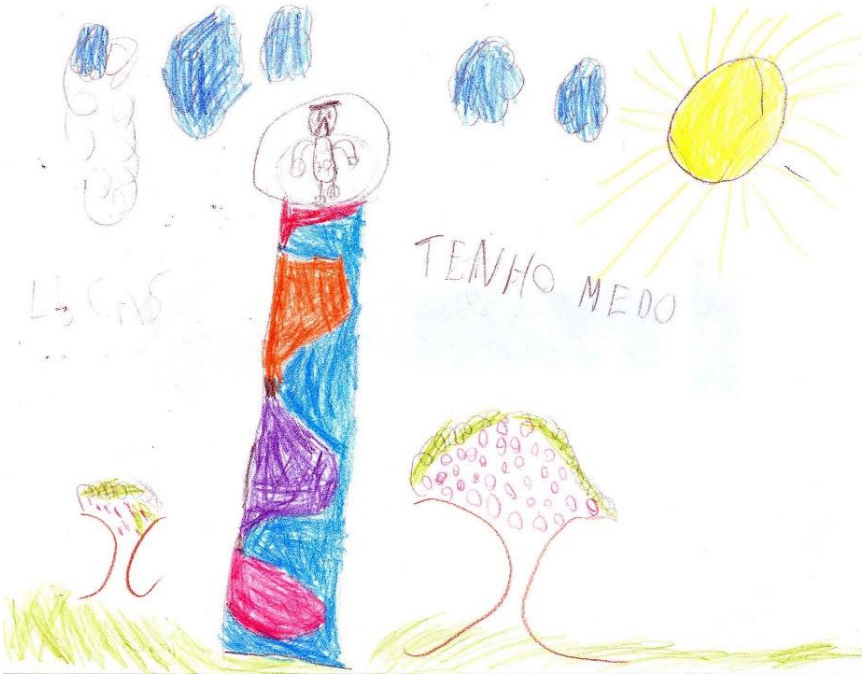


Figura 24: D. Medo, 2018.

Figura 25: B. Medo, 2018.

Figura 26: E.V. Medo, 2018.

Alguns alunos focaram nas personagens e se empenharam em retratar várias das personagens encontradas na narrativa. Podemos identificar o lobo, o sapo, a galinha, o carneiro, o porco. Algo que podemos perceber também é que algumas das personagens não foram representadas humanizadas como no livro, mas sim da forma como elas são encontradas na realidade (figuras 27 e 31). Isso está relacionado ao saber da criança,

quando ela sabe representar algo somente daquela maneira, representará daquela forma e não se esforçara para fazer de outra maneira. As personagens são encontradas sempre em uma paisagem e as cores são suaves. Em duas das imagens o lobo é representado no centro como personagem principal e há um foco de luz amarela atrás mostrando importância nesta personagem.

Figura 27: T. Personagens, 2018.

Figura 28: M.V. Personagens, 2018.

Figura 29: J.O. Personagens, 2018.

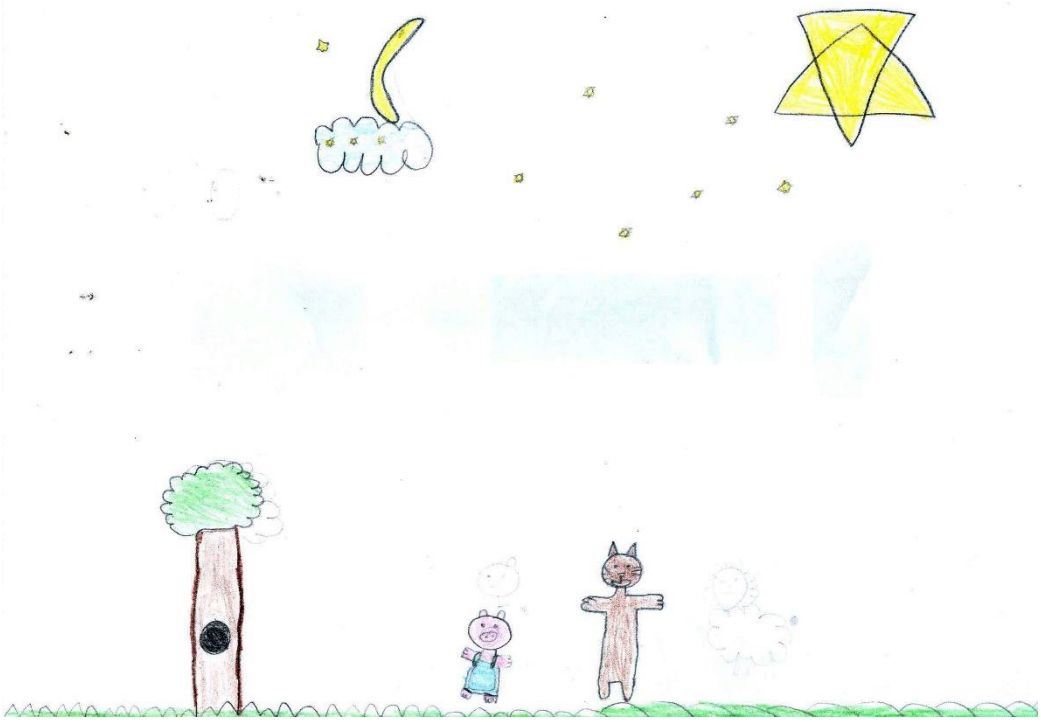


Figura 30: M. Personagens, 2018.

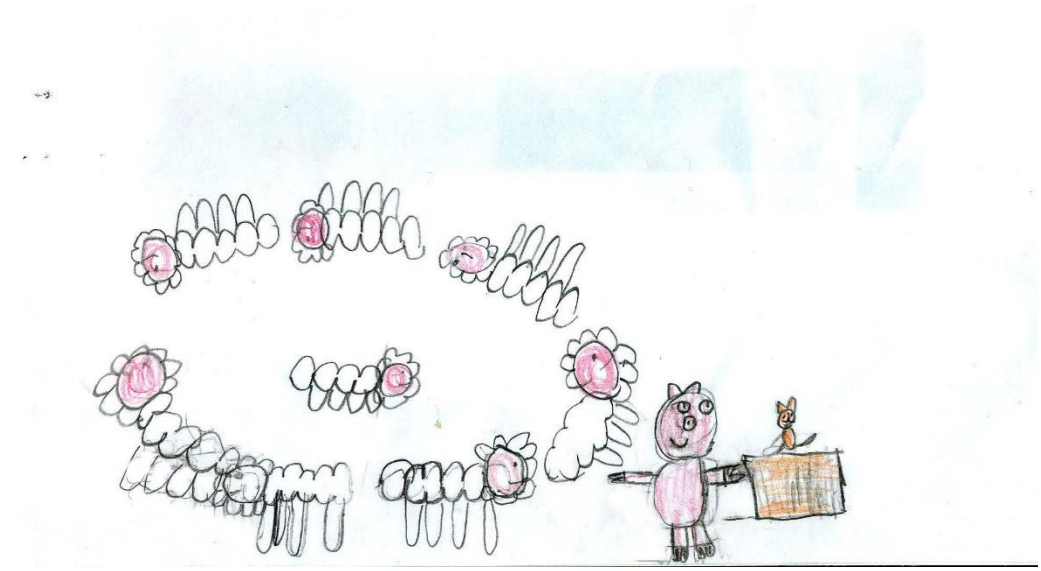


Figura 31: D. Personagens, 2018.

Esse desenho (figura 32) foi tido como referência pela sua perfeição em representar a estória, ocupando a folha toda, através do lápis comum, com traços finos e simples, a criança, enfatizou cenas separando-as por linhas, houve a representação forte das personagens e a maior preocupação foi em transmitir o entendimento da estória ouvida e vista. Encontramos no desenho uma arvore que segundo Bédard (2013), é um dos elementos mais importantes, pois afeta o aspecto emocional e físico da criança. Essa árvore é encontrada na narrativa que ela viu, porém a arvore contém muitos frutos e isso não é encontrado no livro, isso mostra para o autor, que as frutas representam uma árvore saudável, e uma arvore desse porte carrega a energia e a estabilidade da criança. Podemos identificar nesse desenho que a aluna analisou bem as cenas da estória, pois, ficou muito bem gravada em sua memória, assim como a narrativa e suas personagens.

Figura 32: I. C. Cena, 2018.

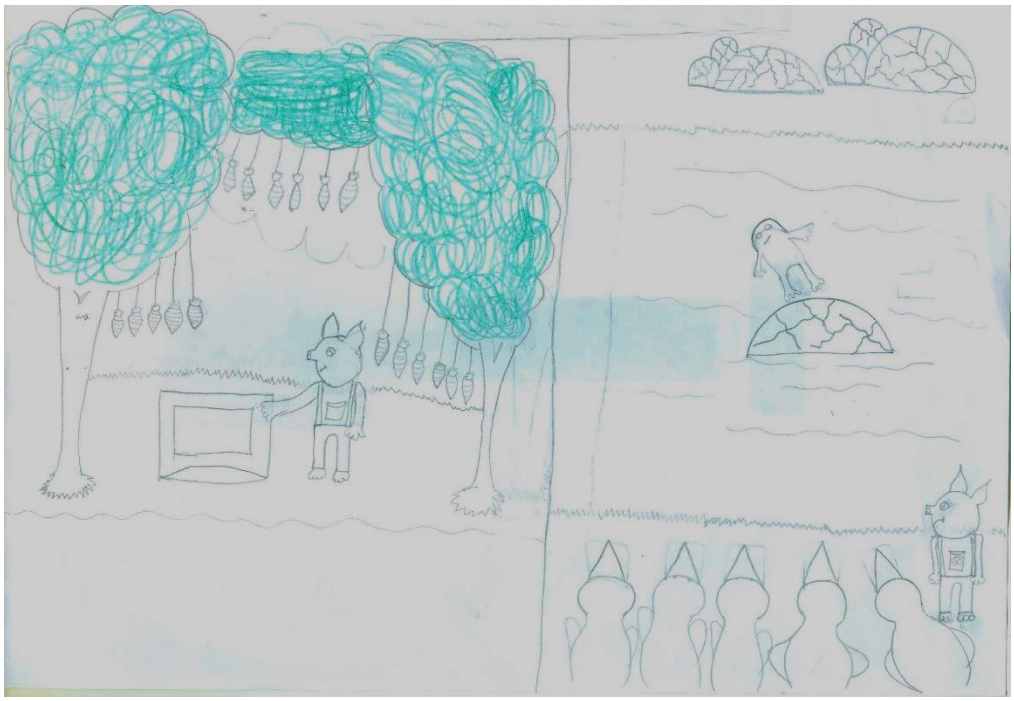


Figura 33: ilustração da narrativa, página 18.

O último processo a comentar são a dos alunos que representaram através da estória *De baixo da cama*, o que havia em baixo de suas camas. Podemos encontrar muitos objetos e monstros. Um deles mostrou que o que há de baixo de sua cama, são seus irmãos,

pois, eles dormem em um beliche, onde cada um dos irmãos é representado por uma cor-tema. Para Bérdad (2013) o azul, mostra tranquilidade, onde a criança caminha com o seu próprio ritmo, o vermelho de natureza enérgica, sendo uma cor com fundamento ativo e o laranja trazendo o contato social. Outra criança mostrou roupas, sapatos e boneca (figura 36) e há também a representação da narrativa através dos animais, porém não há conexão entre eles. O desenho que representou o monstro em baixo da cama, possui uma dimensão pequena no canto da folha, isso nos diz que a criança não possui a necessidade de se reafirmar, é um aluno tranquilo nesse sentido e geralmente mais maduros, segundo o autor. Todos usando traços fortes e contínuos mostrando segurança e harmonia ao desenhar.

Figura 34: D. Debaixo da minha cama, 2018

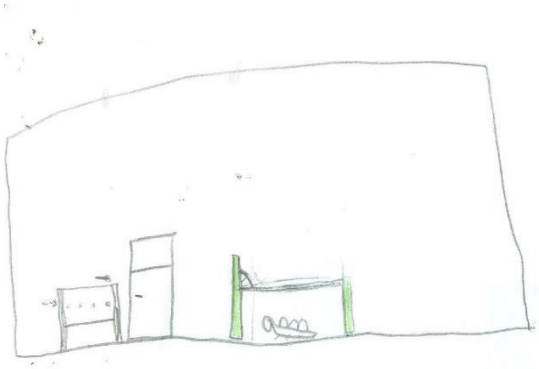


Figura 35: E. Debaixo da minha cama, 2018

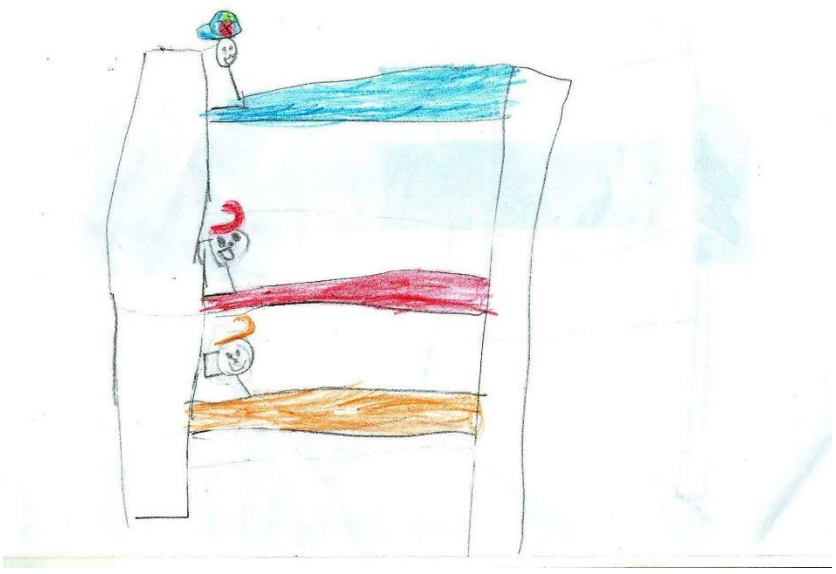
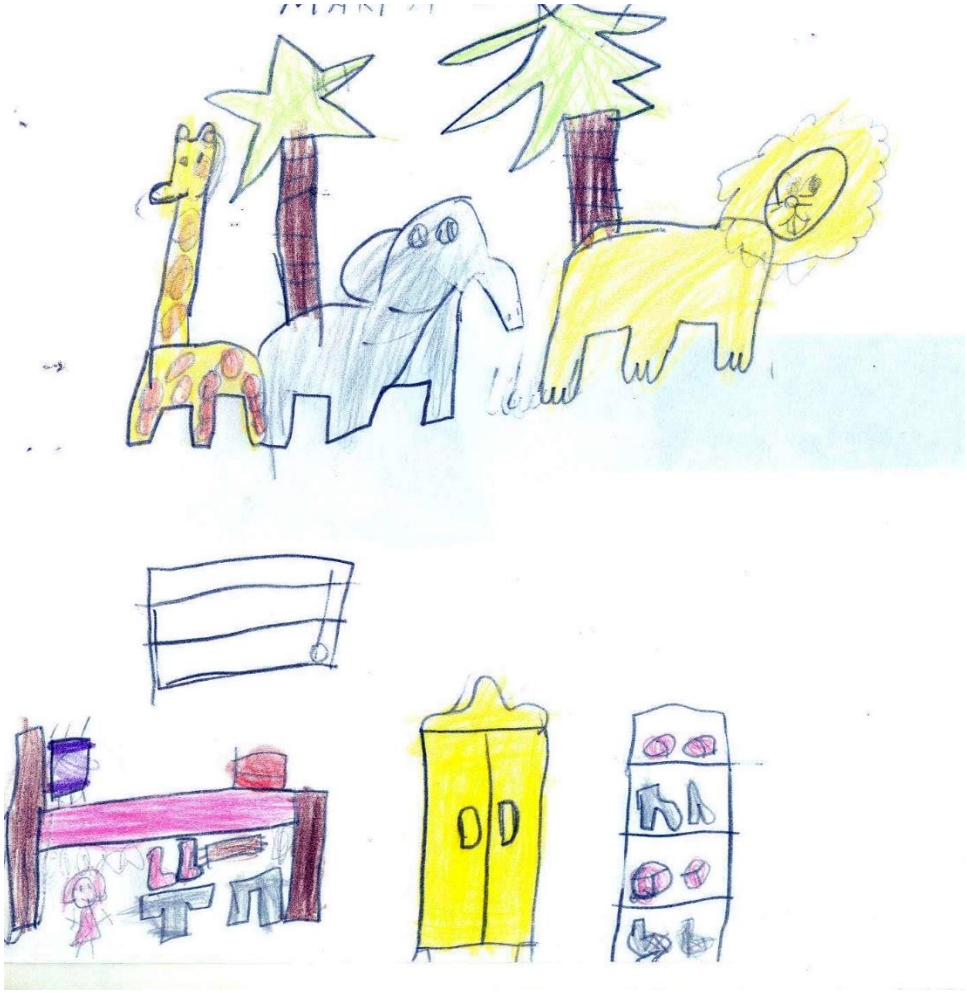


Figura 36: M. E. Debaixo da minha cama, 2018



4. CONCLUSÃO

Partindo do pressuposto em que vivemos em uma sociedade em que a escrita, a leitura e a imagem estão por toda parte, compreendeu-se que a literatura infantil composta por linguagens artísticas mediadas pelo profissional da arte educação pode contribuir como um instrumento de transformação da realidade atual. Foi possível por intermédio deste estudo, conhecer um pouco da origem histórica da literatura infantil e seu desenvolvimento no Brasil, os autores colaboraram de forma significativa para que o

resultado fosse alcançado. Assim como os autores de arte educação colaboraram para que esse gênero literário se expandisse e se desenvolvesse para chegar aos dias atuais com grande importância e sendo aplicada cada vez mais e melhor nas salas de aula.

Refletiu-se sobre a Literatura Infantil enquanto obra literária, como um recurso de incentivo ao habito de leitura, auxiliando na alfabetização e na formação de novos leitores. Nessa perspectiva pode compreender-se que a criança precisa ser conduzida a esses caminhos para que se tornem leitores críticos e emancipados como comentou Freire (1999). Assim se a atividade for bem-sucedida à literatura irá alimentar a imaginação, a curiosidade e o desejo de leitura pela criança. Esse desejo pela leitura, não está somente em torno da própria leitura, mas está relacionado à novidade de criar novas situações, de participar de uma atividade diferente, está no prazer de adentrar em novos mundos e imaginando e conhecendo novos personagens, desfazendo preconceitos, nessa atividade sempre há algo de novo a ser aprendido. No âmbito da arte educação, irá desenvolver de forma significativa a apreciação estética, a leitura e analise de imagens que foram desenvolvidas a cada página do livro, além de aumentar as referências artísticas para os momentos de lazer e também de atividades artísticas escolares.

Investigou-se qual a importância e contribuição da imagem artística para a literatura infantil, fazendo-se perceptível no momento em que houve a leitura de imagem, refletindo e analisando-a, relacionando com sua narrativa e suas próprias experiências, os alunos atribuíram significados para cenas e personagens e a relacionavam com outras situações e histórias, elas criaram intimidade e sentimento para com as imagens. As ilustrações do livro infantil mostraram-se enriquecedoras para o aprendizado enquanto o tornou mais prazeroso, não atribuindo a essa literatura somente um caráter utilitário, mas também de diversão. Onde foi importante que a mediação – o professor – estivesse apontando os “detalhes” das imagens propiciando uma melhor experiência e uma melhor leitura da imagem.

As artes dessas obras, juntamente, com a mediação com metodologias da abordagem triangular, contextualizando, fruindo e praticando da autora Ana Mae Barbosa (1989), foi possível prender o olhar do aluno, trazendo a potencialização da experiência estética artística, através do que aprendemos sobre a experiência estética através dos autores Duarte (2018), e Dewey (1902), fez compreender-se que a experiência estética revela o encontro do indivíduo com o estético, mas, além disso, é o desejo de permanecer perante ele, mesmo após sua finalização. Essa experiência artística fez com que a narrativa da estória permanecesse de forma imutável sem qualquer esquecimento na

memória dos alunos. Após duas semanas da contação os alunos ainda se lembravam de todos os momentos da narrativa, e de todos os personagens.

Esse estudo propiciou também o conhecimento sobre a curadoria dos livros. O dever do educador é escolher os melhores livros para promover o desenvolvimento e o aprendizado. Faria (2004) nos mostra, que o professor deverá voltar sua atenção para faixa etária, além da estética do livro, as fontes, os tamanhos dos textos entre outros meios de escolher dentre inúmeras obras um livro realmente agradável e eficiente para a sala. O ponto mais importante analisado nesse estudo foi sobre a ilustração, pois houve a necessidade de distinguir uma imagem pobre de uma imagem artística, e foi possível concluir que a arte do livro precisa provocar uma mudança de estado, precisa gerar emoção e sentimento. Enchendo os olhos com suas formas e cores e não apenas uma cópia perfeita da realidade, com cores e traços simples e comuns. Portanto, as linguagens artísticas na literatura, são o ponto fundamental para a vivência da experiência estética artística.

Foi discutida a importância da Literatura Infantil na formação múltipla de conhecimento, artístico, estético e na comunicação. Artístico, pois puderem através de referências trabalhar e desenvolver um processo artístico. Estético, devido aos alunos possuírem através das linguagens artísticas do livro uma experiência bela, propiciando a compreensão das imagens através de um sistema simbólico levando elas, segundo o Duarte (2813), a esfera do sentir. Já a comunicação, aconteceu devido à roda de conversa, onde todos puderam compartilhar histórias, experiências e opiniões, sempre precisando respeitar o momento de fala do educador e dos colegas, compreendendo a verdadeira essência da literatura em roda. Assim como o desenvolvimento emotivo, através das expressões de seus medos, e também da identificação expressiva com os personagens, sempre mostrando sentir algo por eles. O desenvolvimento sensorial ocorreu através do toque da textura, da percepção de textura em imagens, e o sentir da tridimensionalidade do *pop-up*. Todos eles só sendo possível ocorrer de forma permanente através do uso frequente da literatura como experiência estética no cotidiano escolar.

Por fim, foi por intermédio desse estudo que adquirimos a capacidade de compreender melhor e analisar os desenhos dos alunos, através de Bédard (2013) foi possível compreender que pelo desenho é possível perceber características do aprendizado da criança, além de seus temperamentos, personalidade e necessidades ajudando-nos a perceber formas adequadas de trabalhar com elas.

Desenvolver essa proposta foi enriquecedor, pois trouxe a necessidade de refletir sobre as todas as formas de contribuições que esse trabalho na área da arte educação e também a sua influência na valorização da cultura literária e artística para os alunos. Esses estudos contribuíram de várias formas, pois ampliaram as possibilidades de aprofundamento de cada etapa de estudo de forma que poderão surgir outros caminhos a partir deles. Todos a fim de contribuir para o processo de desenvolvimento da utilização da Literatura Infantil na rotina escolar.

A experiência proporcionada pela pesquisa e pela aplicação da atividade da contação de estória para alunos das séries iniciais do ensino fundamental foi uma grande contribuição para a formação como docente, pois, foi necessário utilizar pesquisas, com bases em especialistas em diversas áreas e metodologias para realizar um trabalho significativo para a turma, em que não há planejamentos fixos, mas constantes acontecimentos que fazer as atividades tomarem rumos diferentes. Foi possível compreender que os alunos têm imensa necessidade de se expressarem sobre suas vivências sentimentos e compreensões sobre as temáticas que estão sendo abordadas, então é preciso ouvi-las para que possamos melhor adaptar as atividades para a construção de conhecimentos e desenvolvimento artístico com base em suas experiências e cultura.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.* São Paulo: Perspectiva, 1996

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 2008

BÉDARD, Nicole. *Como interpretar os desenhos das crianças*. São Paulo, SP, 2013.

BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: EDUC: Fapesp: Cortez, 2002.

CAMARGO, Luis. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Introdução à edição brasileira Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: história - teoria - análise: (das origens orientais ao Brasil de hoje*). São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1981

CUNHA, Maria Antonieta. *Experiência estética literária*. Publicação Ceale, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE, João Francisco Jr. *O que é beleza (Experiência Estética)*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil em sala de aula*. 5ª edição [recurso eletrônico]

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996 - Coleção Leitura.

KACIA, Carol de. *A educação nas múltiplas linguagens das artes*. Curitiba: Appris, 2016

LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*.1973. São Paulo: Cosac Naify, 2011

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Qualidade e projecto na educação préescolar*. Lisboa, 1998.

OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1978.

RAMOS, Flávia Brocchetto; in NUNES, Marília Forgearini. *Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. Pesquisa*. Educar em Revista, Curitiba, 2013.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam: leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SCHACHTER, Robert. *Meu filho tem medo: um guia prático para ajudar crianças e jovens a superar seus medos* – 1. Ed. – São Paulo: Saraiva, 1990.

SILVEIRA, Luciana Martha. *Introdução à teoria da cor*. Curitiba, 2011.

VINHA, Telma. *O educador e a moralidade infantil: uma visão construtiva*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2006

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1998.